



# O HÓSPED E

E OUTROS CONTOS



LUIS CARLOS RIBEIRO ALVES





**GOVERNO DO  
ESTADO DO CEARÁ**  
*Secretaria da Educação*

# O Hóspede e Outros Contos

Luís Carlos Ribeiro Alves

Fortaleza - Ceará  
2019



**GOVERNO DO  
ESTADO DO CEARÁ**

*Secretaria da Educação*

Camilo Sobreira de Santana  
Governador

Maria Izolda Cela de Arruda Coelho  
Vice-Governadora

Eliana Nunes Estrela  
Secretária da Educação

Jussara Luna Batista  
Secretária Executiva de Gestão da Rede Escolar

Márcio Pereira de Brito  
Secretário Executivo de Cooperação com os Municípios

Rita de Cássia Tavares Colares  
Secretária Executiva de Planejamento e Gestão Interna

Rogers Vasconcelos Mendes  
Secretário Executivo de Ensino Médio e da Educação Profissional

Julianna da Silva Sampaio  
Assessora de Comunicação

Ideigiane Terceiro Nobre  
Coordenadora de Gestão Pedagógica do Ensino Médio

Wilson Rocha Rodrigues  
Orientador da Célula de Desenvolvimento Curricular, Educação  
Científica, Ambiental e Competências Socioemocionais

Hylô Leal Pereira  
Articulador da Coordenadoria de Gestão Pedagógica do Ensino Médio

Paulo Venício Braga de Paula  
Centro de Documentação e Informações Educacionais

## Coordenação

Centro de Documentação e Informações Educacionais/Gestão Pedagógica do Ensino Médio

## Conselho Editorial

Prof. PhD. Rosendo de Freitas Amorim  
Profa. PhD. Karine Pinheiro de Souza  
Profa. PhD. Francisca Aparecida Prado Pinto  
Profa. PhD. Fernanda Maria Diniz da Silva  
Profa. Dra. Mirna Gurgel Carlos Heger  
Profa. Dra. Betania Maria Gomes Raquel  
Prof. Dr. Genivaldo Macário Castro  
Prof. Me. Paulo Venício Braga de Paula  
Profa. Ma. Cristina Márcia Maia de Oliveira  
Profa. Ma. Paula de Carvalho Ferreira  
Profa. Ma. Ideigiane Terceiro Nobre  
Prof. Me. Hylo Leal Pereira  
Prof. Me. Jefrei Almeida Rocha  
Profa. Ma. Lindalva Costa da Cruz  
Profa. Ma. Maria Fabiana Skeff de Paula Miranda  
Prof. Esp. Wilson Rocha Rodrigues  
Profa. Esp. Anna Cecília Cavalcante Freitas  
Profa. Esp. Maria da Conceição Alexandre Souza

## Edição

Prof. Me. Paulo Venício Braga de Paula  
Centro de Documentação e Informações Educacionais/Gestão Pedagógica do Ensino Médio

## Revisão

Profa. Dra. Mirna Gurgel Carlos Heger  
Profa. Ma. Cristina Márcia Maia de Oliveira  
Profa. Ma. Paula de Carvalho Ferreira

Projeto Gráfico  
Gráfica Digital da SEDUC | ASCOM

Normalização Bibliográfica  
Elizabete de Oliveira da Silva

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A474h Alves, Luís Carlos Ribeiro.  
O hóspede e outros contos / Luís Carlos Ribeiro Alves. -  
Fortaleza: SEDUC, 2019.

111 p.

**ISBN: 978-85-8171-260-4**

1. Literatura brasileira. 2. Contos. I. Título.

CDD 869.93

[www.seduc.ce.gov.br](http://www.seduc.ce.gov.br)



[www.facebook.com/EducacaoCeara](https://www.facebook.com/EducacaoCeara)

---

## PRODUÇÕES ACADÊMICAS E LITERÁRIAS DOS PROFESSORES DA REDE PÚBLICA ESTADUAL DE ENSINO DO ESTADO DO CEARÁ

---

Existem múltiplas formas de valorização da Educação, uma delas consiste em valorizar o professor. O reconhecimento da atividade do magistério pode manifestar-se por meio de várias funções e ações desenvolvidas pelo professor. Em 2008, foi criada uma ação governamental denominada Professor Aprendiz, cujo destaque tem sido a formação contínua entre pares. O amadurecimento dessa ação, que aposta no protagonismo docente, gerou desdobramentos substanciais, dentre os quais se destaca a publicação de livros de professores da rede. Os trabalhos acadêmicos e literários, selecionados para publicação, passam por um processo de submissão.

A iniciativa da Secretaria da Educação do Estado do Ceará (Seduc), em publicar livros produzidos pelos professores da rede estadual de ensino, está baseada na ação Professor Aprendiz, do Programa Aprender pra Valer. Esse Programa tem como principais objetivos: a) Valorizar os professores por meio da publicação das suas produções acadêmicas e literárias; b) Estimular a produção científica e literária de professores; c) Promover uma rede de colaboração entre os professores ao tornar públicas suas produções com seus pares.

As obras publicadas podem ser de natureza acadêmica (Tese de Doutorado ou Dissertação de Mestrado) ou Literária (Romance, Poema, Cordel, Novela, Crônica ou Conto). São produções de professores da rede pública estadual de ensino do Ceará, na condição de autores ou coautores das obras. Na seleção das produções acadêmicas, o Conselho Editorial adota os seguintes critérios: clareza e precisão de conteúdo; relevância e atualidade do tema; originalidade; qualidade metodológica. Em relação às produções literárias, observam-se os seguintes aspectos: originalidade de conteúdo/ineditismo; repertório linguístico; fruição estética; coerência e consistência do texto; e, por último, potencial artístico. Os trabalhos publicados são originais, escritos, em língua portuguesa, em consonância com os Direitos Humanos.

Com essa iniciativa, a Secretaria da Educação do Estado do Ceará, mais uma vez, faz história. Ao publicar as produções de seus professores, a Seduc promove um círculo virtuoso de valorização do Magistério, cujos efeitos podem se manifestar no fortalecimento do protagonismo docente; no investimento da formação acadêmica e, principalmente, em um processo de ensino e aprendizagem mais qualificado e comprometido.

---

# Apresentação

É uma satisfação apresentar este livro. Não conheço Luís Carlos pessoalmente, mas, graças aos avanços tecnológicos capazes de reunir brasileiros de vários brasis, tomei conhecimento de sua participação em um de meus cursos de escrita criativa e, dessa maneira, justifico minha satisfação em escrever estas palavras. Como sou contrária aos ditos “cultos à personalidade”, defendo que o esforço diário do autor em traduzir suas histórias, junto ao apoio de seus familiares (afinal, escrever é um ato solitário, mas uma história que vale a pena ser vivida só existe quando se tem amor), foram os protagonistas da “jornada do herói” que produziu esta reunião de histórias. Portanto, apesar da gratidão e embaraço — confesso — pelo inédito convite, meu papel não é, de maneira alguma, apropriar-me de um mérito que não pertence a mim.

Este livro contém vinte e quatro histórias, entre contos e minicontos, envoltas em justa coloquialidade e toques de humor inesperados, convidando o regionalismo nordestino para um longo café. Há um leque verdadeiramente diversificado de personagens e personalidades, objetivos e intenções, que produz reflexões sobre as diferentes faces que compõem o Brasil — nosso Brasil — e expõe a realidade sem cortes de “gente como a gente”. Sonhos, esperanças, inocência (e a falta dela), religiosidade, insatisfação e escolhas. A propósito, no conto “O Primeiro Dia”, o autor escreveu sobre o impacto de uma única escolha:

“(…) o melhor é pular em primeiro que ser o último, pois este sempre sofre mais, não pela queda, mas pelo medo de pular”.

Essa afirmação resume o livro em uma casca de noz. Você está prestes a conhecer dezenas de personagens completamente diferentes (podendo

gostar de uns, detestar outros), mas todos igualmente (des)construindo as próprias escolhas. Seja em momentos pacatos ou grandiosos, vê-se o esforço do autor em experimentar vozes para além de si mesmo, explorando pontos de vista humanos e até mesmo de animais (como em “Um Papagaio Falador”, meu conto favorito) e refletindo ora sobre o banal, ora sobre valores pessoais — com influências filosóficas, políticas e, sutilmente, psicológicas. A riqueza, de fato, está nos detalhes.

Por fim, “O hóspede e outros contos” é introdução ao pensar sobre perspectivas humanas, sobre aspirações de brasileiros em meio a inquietudes e imersos em um contexto social que só nosso imenso Brasil seria capaz de oferecer. Retorno à citação acima como uma analogia e afirmo: decida “pular” e iniciar a leitura!

Verô Watanabe  
Escritora e instrutora de escrita criativa

---

# Sumário

O Hóspede	12
Simone	15
O Catador	20
Um Papagaio Falador	22
Hematóforo	23
O Vereador	26
A Chave	28
Jonas	32
O Judeu	33
O Padre	37
Valéria Leticia	40
O Jegue	44

O Mata Gatos	48
O Trem	51
O Primeiro Dia	56
O Socorro	66
José – O Filho de Jacó	72
O Pôr do Sol	76
O Velho do Saco	83
A Feira	87
99 Badaladas	93
Não Chore Assim	98
O Roubo	104
O Homem Invisível	108

---

# Palavra do autor

A vida de uma pessoa é orientada a partir das escolhas que ela faz. Há quem escolha deixar a definição de seu caminho nas mãos de outras pessoas, outras constroem a sua realidade e transformam o mundo a partir do que elegem como prioridades na existência.

Este livro reúne um conjunto de 24 contos orientados a alguns propósitos: O primeiro deles é discutir aspectos éticos e filosóficos da existência humana sem estar carregado de todas as abordagens da tradição filosófica, que o influenciam.

O segundo propósito, é ser acessível à leitura e à compreensão, em termos de tempo e espaço, no contexto do mundo global em que vivemos, que, ao mesmo tempo, exigem textos breves, que permitam a leitura nos curtos limites de tempo disponíveis, e mensagens profundas, que levem a pensar o lugar que se ocupa na existência neste mundo.

Um terceiro propósito, seria convidar o leitor a dialogar consigo mesmo, por meio dos personagens e imagens apresentadas no livro, suas próprias escolhas e as implicações que estas carregam.

Os contos reunidos aqui, apresentam portanto, uma série de personagens que, como você e eu, precisam fazer escolhas e as fazem de diferentes formas. Espero que sinta prazer em conhecer alguns deles e se sinta questionado por outros.

Não cabe portanto, ocupar-lhe mais o tempo com razões para adentrar à obra. Pule primeiro. Leia na ordem que lhe parecer confortável.

Grande Abraço!

Luís Carlos Ribeiro Alves  
O Autor

*Ao meu filho, João Manoel, e minha esposa,  
Juliana pelo Apoio*

*À minha mãe, minha eterna professora*

---

# O hóspede

Chego a casa, muito cansado do trabalho, umas 22h e encontro um cara no meu quarto, na cama ao pé da janela, sentado, lendo um livro: A idade da razão de um tal Sartre é o título.

Olho com cara de poucos amigos. Jogo a mochila e me dirijo à cozinha em busca de algo para comer. Marcela, minha irmã mais nova, que chegara há pouco do curso técnico já está jantando.

- Ô Marcela, cê sabe cadê a mãe? – pergunto-lhe, estressado.

- Ela tinha ido na casa de Dona Deutrudés — falou, me olhando com desinteresse, encolhida em sua cadeira e olhando a televisão da cozinha. — Disse que chegava umas dez e meia.

- E tu sabe quem é esse cara que tá no meu quarto? — disse demonstrando propositadamente minha má vontade em relação ao novo hóspede. - É das invenções da mãe né?

Disse enquanto requentava meu bife, para comer com macarrão, minha comida preferida das noites, após o dia puxado de trabalho no frigorífico do Supermercado São Martin, praticamente do outro lado da cidade. Com este novo hóspede perderia totalmente minha privacidade. Pensei que minha mãe poderia ter parado de trazer gente pra casa. “ô besteira essa, de ajudar qualquer um”. Já tinha uns dois meses que o último havia ido embora morar no Sul.

Até já tinha ficado amigo do cara. Mas daquela vez, a mãe tinha ao

menos avisado que viria alguém. Mas agora, agora não, nem lhe dera tempo de dar uma organizada na bagunça do quarto e já lhe enfiava alguém, que nem sabia de onde vinha. Mais uns 10 minutos e mãe já chega. “Faço é questão de ir encontrá-la no portão. Pela cara, até parece que não sabe de nada”. Mas ao ver minha cara, acho que se deu conta do meu mau gosto pela decisão dela.

- Meu filho, tentei te ligar, mas tu não atendeu — disse ela com seus ares de desculpa, corada, por saber de minha reprovação. — O Eduardo é do interior e veio aqui pra cidade, pra estudar aqui na capital.

Retruquei-lhe zangado:

- E o que eu tenho a ver com isso mãe? Por que tem de condenar logo a mim? Sei nem quem é a figura.

- Criatura, ele ainda não conseguiu lugar pra morar. Ofereci pra ele ficar uns dias enquanto se ajeita.

- E se não se ajeitar? Ou quiser ficar por aqui mesmo? - Já disse meio afobado com a história. - Eu vou ter que aguentar é mãe?

- Da outra vez tu não gostou no começo, mas até ficou amigo do Paulo depois, lembra? - argumentou minha mãe.

- Mas isso não justifica você trazer outra pessoa viu. - Lhe respondi, virando as costas. - Quer saber? Vou é tomar meu banho, puxar um sonzinho e dormir que já tá tarde pra briga.

- Não vá fazer muito barulho até muito tarde, que o rapaz precisa dormir. - disse minha mãe, dando-se por vencida.

Ao entrar no quarto, o sujeito para de ler o livro e parece olhar com interesse. Cumprimento-o com um simples boa noite, ao que me responde com outras perguntas:

- Boa noite. Tudo bem contigo? Você é o Fernando não é? Desculpa a invasão do seu quarto, sua mãe disse que poderia ficar aqui. Mas vai ser só por uns dias. Estou esperando vaga na residência estudantil. - falou como uma matraca.

- Beleza cara. Sou eu mesmo. E tá tudo certo contigo? - falei eu secamente. - E tu vem de onde irmão? - perguntei, mas já ligando o rádio, sinalizando que não estava disposto a uma resposta longa.

- Sou de Mucambo, no interior do Ceará. Já ouviu falar? - Disse com aquela cara de que morava no fim do mundo e já estava acostumado a ninguém saber onde era.

- Ouvi falar. Vou ali tomar um banho e volto já. - Falei já saindo.

Bons minutos depois, quando retornei, o sujeito já dormia, ou parecia dormir, sei lá. Tirei o violão da caixa e toquei duas músicas dos anos 80. O sujeito nem se mexeu. Guardei de volta e mudei a sintonia do rádio para o programa do Joãozinho Pascualini, um pastor que fazia um programa de oração a noite quase toda, e que ouvia vez por outra. Podia ser que o sujeito ficasse tão incomodado que fosse embora. Dormi. No outro dia acordei umas oito horas, pois só entraria às 10h no trabalho. O sujeito estava se arrumando já pra sair. Me deu bom dia sorrindo.

Fingi dormir me virando e só me levantei quando ele deixou o quarto e saiu da casa. Fui de novo implicar com a mãe.

---

# Simone

O nome daquela infeliz criatura, moradora do prédio número 2, da Rua do Ouvidor, era Simone, Simone da Silva Costa para ser mais preciso, mas gostaria muito que a tivessem batizado por Andreia. Absolutamente, não se sentia si-mesma quando a chamavam de Simone. Não conseguia de modo algum gostar de si e da vida que levava e dirigia boa parte da culpa ao nome que lhe impuseram; achava que cada pessoa deveria escolher o nome pelo qual deveria ser chamada.

Talvez fosse o próprio nome que lhe causava as mais profundas náuseas em determinados momentos. A escola era um deles, odiava o momento da chamada, achava um método totalmente ultrapassado.

Tinha um sonho secreto, que nunca se abria a contar para ninguém, mas que intimamente fazia de tudo para que todos percebessem e, assim, pudesse alcançá-lo um dia. Achava que não deveria contar, porque tinha medo de que se contasse iam rir de sua cara e não pudesse realizar seus sonhos, como costumava dizer sua tia do interior: “se você tem um sonho, não conte, senão não poder realizá-lo nunca, mas nunquinha” e era nisso que se baseava o segredo de nossa amiga.

Mas, na verdade incorporara de tal modo a modelo que sonhava ser que quando saía à rua, ou ia ao centro da cidade, que não ficava muito longe dali, não caminhava como o comum das pessoas, como se diz numa expressão popular “ela não anda, desfila”, e fazia isso não inconscientemente por causa de seu desejo, mas propositadamente e por reta intenção de que de repente

passasse por ela algum grande produtor de moda e se encantasse com sua beleza e seus modos, ou seja, fosse capaz de perceber seu majestoso dom.

A cada vez que saía, no entanto, tinha sempre um encontro certo com a frustração, pois não encontrava o seu salvador miraculoso, e a cada vez que acordava em um novo dia rezava a Deus pedindo que encontrasse seu salvador que a tirasse daquela existência medíocre para realizar seu sonho; com isso a cada dia, com o sol a despontar no horizonte despontava também em seu coraçãozinho a forte esperança que encontraria aquele que a salvaria de sua desgraça emergente e de sua destruição certa, e chorava desesperadamente se não conseguisse encontrar o que desejava.

Vivia praticamente e unicamente por isso e para isso, e justamente por causa disso ficava atenta a cada um de seus passos para imitar com perfeição as “top models” internacionais que ela tanto admirava, não só como uma simples imitação, acreditava ela, e piamente, possuir um esplendoroso talento para ser modelo; os outros é que eram incapazes de perceber sua enorme capacidade.

Nem mesmo seus pais tinham tal capacidade. Considerava sua mãe uma idiota que não ligava nem para si mesma, nem para os outros. Era sempre um exemplar perfeito da mulher ‘fora de moda’ formada pela cultura machista de que mulher só serve para lavar roupa e cozinhar, como se diz no velho ditado, “mulher boa é a que esquenta a barriga no fogão e esfria no tanque.” Dona Amélia só queria ter por findas suas atividades domésticas diárias e se ao final destas lhe sobraria um pouco de tempo para assistir à novela do horário nobre da TV nacional. O pai, senhor Daniel, era outro inútil, nunca ligou para os filhos e muito menos para a esposa, esta só lhe servia para ‘aquelas horas’, e quanto aos filhos, sempre achou que quem deveria lhes dar atenção seria a mulher que, segundo ele, passava o dia em casa sem fazer nada, sendo que a ele cabia unicamente trabalhar e trazer o necessário ao sustento da casa.

Era de tal modo a família de Simone, que tinha mais três irmãos e nenhum dos filhos conseguiam respeitar seus pais. Afinal, vivem soltos no mundo, sozinhos e a mercê de si mesmos. Se eram bons, ninguém lhes parabenizaria por isso; se maus, quem os castigaria? Eram como que invisíveis aos olhos dos próprios pais, que jogavam a responsabilidade, cada um sobre o outro e nenhum deles assumia.

Talvez por isso Simone buscasse no mundo aquilo que de modo nenhum podia encontrar em sua própria casa: atenção. Desejava profundamente que todas as pessoas a vissem, a amassem, a desejassem. Queria ser famosa, só para provar ao mundo que podia ser melhor; sofria muito porque isto lhe parecia algo praticamente impossível, mas ao menos uma coisa tinha por certo: amava-se, embora na forma de buscar ser amada pelos outros. Era portadora de uma carência às vezes assustadoramente incrível e que tinha muitas dificuldades de satisfazer; não que fosse feia, pois tinha um rosto muito bonito num corpo magérrimo, próprio de modelos e manequins e isso sem nenhum esforço; nunca precisara fazer nenhum regime de emagrecimento, bastava apenas só comer em sua casa; por lá todos comiam muito mal.

Na escola em que estudava alguns dos meninos para azucrinar-lhe a vida chamavam-na de cabo de vassouras, corpo seco, Olívia palito, esses eram apenas alguns dos mais simples que recebia, mas ela nem ligava até achava ótimo, pois ao menos estavam lhe olhando e era justamente por aparentar possuir uma índole intocável por qualquer tipo de brincadeiras, que boa parte dos seus colegas de turma na escola não gostavam muito dela. Também tinha outro detalhe para que a considerassem estupendamente chata: quando Simone saía para o pátio e pelos corredores mostrava sua escandalosa habilidade com as pernas, desfilando diante dos colegas, o que fazia que as patricinhas morressem de inveja, enquanto as nerds a consideravam a mais chata das patricinhas.

No meio de um destes semestres letivos, por volta do mês de abril a escola promoveria um desfile de moda com os alunos das diversas turmas a fim de arrecadar alguns fundos extras para a reforma da escola que se daria no período das férias estudantis. Cada turma deveria escolher dois casais representantes, dos quais somente um desfilaria. E adivinhem só quem foi uma das eleitas do segundo ano do ensino médio? Justamente a Simone, não porque os colegas a considerassem digna de representá-los, mas por que a odiavam e a queriam ver humilhada diante da coordenação do colégio quando fosse desclassificada; em comparação a Carlinha, a outra eleita da sala era não valeria nada, o que se poderia esperar de uma pobre maltrapilha, que nem se vestir sabia? Até porque a Carlinha era muito simpática, amiga de todo mundo, só tinha um pequeno defeito, não desfilava tão bem, mas a cada dia vinha para

o colégio com uma roupa diferente, parecendo até mesmo uma pop star, e de fato esta sabia se vestir muito bem. Assim todos os seus colegas tinham por certa sua escolha no teste com a coordenação. Mas não foi exatamente o que aconteceu.

E vejam só como nossa amiga Simone foi conseguindo realizar o seu sonho. Os coordenadores da escola para escolherem quem participaria do desfile dentre os que os estudantes haviam escolhido para representar suas turmas, pediram que cada um dos candidatos, tanto as moças quanto os rapazes desfilassem diante deles, como se de fato estivessem em uma passarela de moda e qual não foi o espanto destes ao perceberem os grandes dotes de nossa amiga. Logo que esta desfilou sua oponente já foi considerada previamente desclassificada, embora estivesse ali muito preparada, cheia de maquiagens e com uma roupa parecida com as que as grandes top models desfilam pelo mundo afora. Esta sua desclassificação se confirmou pelo nervosismo com que ela desfilou tentando imitar sua colega, o que fez com que tropeçasse em seus próprios pés, sendo naquele momento ridicularizada pelos colegas e, até mesmo, por suas melhores amigas, que se riram muito do mico que pagou.

Carlinha saiu dali muito emburrada com todos, como toda menininha mimada pelos pais, prometendo que todos lhe pagariam muito caro, especialmente Simone e aquelas que diziam ser suas amigas e que a vaiaram.

Já Simone era só sorriso e alegria, pois já estava começando a realizar seus sonhos. Foi considerada por todos, inclusive pelos colegas que lhe eram mais arredios, a melhor no quesito passarela e na beleza natural, nunca se maquiava por que não tinha dinheiro para isso, no máximo usava um batom discreto. Foi muito bem no desfile da escola e considerada a melhor. Resultou daí um convite para participar de um concurso de modelos que contava com meninas e meninos de todo o Estado; ela seria a representante de seu colégio. Os gastos com o evento foram por conta da escola, já que sua família não tinha condições de pagar as despesas, ao menos não queria fazê-lo.

A partir dessa data, mudou quase que completamente a vida de nossa querida amiga. Não andava mais a olhar para o chão, nem vivia mais pelos cantos. Aquilo com certeza lhe trouxera uma grande certeza: estava viva. Tornou-se uma pessoa totalmente diferente do que era até então.

Mesmo pessoas que costumeiramente não lhe davam muita atenção, perceberam a grande mudança que se dera na vida de Simone. Certa vez uma amiga perguntou-lhe:

- Minha amiga, conte-me o segredo para tanta felicidade? Viu passarinho verde foi?

Ao que nossa amiga respondeu sem dúvidas:

- A força de nossos sonhos, quando nós tomamos a direção de nossas vidas, nos faz dar muitas reviravoltas. Mas é deles que dependem a nossa felicidade e a nossa existência. Sonhar às vezes pode parecer chato, mas nada é melhor que ter a sensação de ter seus sonhos realizados e de ter feito o que podia fazer para que se concretizassem.

---

# O Catador

João, catador de recicláveis, pobre esfomeado, morador de um dos viadutos de Fortaleza, diariamente, saía a colher nos sacos de lixo sobre as calçadas das ruas da capital com seu carrinho, o pão de cada dia. Vez por outra, indignava-se com a má educação dos motoristas. Uns por um fio não o abalroaram; outros gritavam, chamando-o de vagabundo, bandido. Tinha vontade real de nessas horas sê-lo, entretanto nunca respondia.

Fora essa a única solução para sua vida, já que não queria cair na criminalidade. Pobre, analfabeto não lhe restou outra escolha senão o trabalho na rua.

Outro dia pensara em entrar para o mundo do crime, roubar ou traficar drogas; sabia que o tráfico era um negócio muito lucrativo. Mas tinha valores, aprendera dos pais que nada é mais importante que a honestidade. Por isso, resguardava-se na vida que levava. Podia não ser nada, mas era honesto.

Naquela quarta-feira, a tardinha já escurecendo, enquanto terminava sua segunda cata àquele dia, deparou-se com um enorme saco de lixo, diante de uma dessas mansões de ricos.

Rapidamente abriu o saco para conferir seu conteúdo. Seria suficiente para completar o peso da carga do dia. Qual não foi sua surpresa ao espanto quando dentre os vários papéis encontrou um envelope que parecia conter algo. Como de fato continha: um enorme maço de cédulas de dinheiro.

A quantia era muito elevada. Pensou em levar, daria para comprar

uma casa, colocar o filho na escola. Mas lembrou-se dos pais. E com aquela lembrança veio a alegria de ter vivido honestamente até então. Não queria sua consciência manchada.

Decidiu-se. Tocou a campainha e logo veio um senhor muito bonito e bem trajado ver o que ele queria. Quando o viu, o homem nada esperou. Gritou:

- Aqui não tem esmola. Vá embora mendigo sujo.

Humildemente o pobre João apenas perguntou se aquele saco de lixo havia saído da residência, ao que lhe respondeu:

- Sim. E o que lhe interessa?

O João na sua honestidade nata entregando-lhe o envelope: “Isso é seu.” O homem recebeu-o enojado. Abriu-o, e seu grito foi de alegria. Teve de volta o que há muito havia perdido: A vergonha, que o invadiu naquele momento. Abraçou o pobre aos prantos.

Depois o João foi convidado à do ricoço ser empregado, no jardim trabalhar. Não era só um empregado, mas amigo do senhor. Tudo, por bem honesto se ter preservado.

---

# Um Papagaio Falador

Conta-se que na Vila de Santo Antônio, havia um papagaio que não sabia falar, seu dono tentou de tudo para que o bichinho falasse e de nada servia. Até que um dia apareceu na aldeia um homem mui bem vestido e versado nos conhecimentos clássicos. Dizia-se advogado e escritor, profundo conhecedor de latim.

Um certo dia, o dito cujo foi a casa do dono do papagaio a comprar legumes, e o papagaio desembestou a falar.

- Bom dia Ilustre doutor, seja bem vindo a esta pobre residência, em que lhe posso servir?

O homem admirado olha para o agricultor, que lhe parecia tão simples.

- Meu caro Senhor, diga-me como educaste este papagaio que fala tão corretamente nosso idioma? – perguntou curioso o forasteiro.

O agricultor tão pasmo quanto àquele, não sabendo se sentia vergonha do moço ou alegria, lhe responde:

- Oxe! Credita moço, que essa é a primeira vez que ele fala? Já pelejei de tudo e o bichin num falava de jeito nenhum.

O papagaio, por sua vez, responde aos dois:

- Olhem aqui, só não falei até hoje, porque sou um papagaio culto, e com o doutor aqui, talvez o papo seja possível. Deveras me poderia entender. - e olhando para o homem: - Você, por acaso, teria lido De Natura Deorum de Cícero?

---

# Hematóforo

O sol se punha distante no horizonte e a penumbra encobria toda a Terra aos poucos. As bananeiras das quais retirava seu sustento e o de sua família lentamente se transformavam em sombrios monstros noturnos. Havia ainda muito que fazer, mas o dia já terminara.

Estava ali, no meio de sua roça, ainda a limpar a horta e escuta um grunhido rouco que por trás de si se faz. Sente um calafrio subir-lhe da panturrilha esquerda; um frio na barriga surge a seguir e lhe sobe à garganta, trazendo-lhe ânsias de gritar.

Baixa seu olhar rapidamente rumo ao grunhido e se depara com pequenas gotas de sangue a escorrer-lhe do membro e, mais abaixo uma fêmea de guaxinim com as garras apontadas preparando-se para desferir-lhe um novo golpe.

Ágil como um tigre nas savanas africanas, ele lança-se ao combate contra o maldito animal. Como crer estar desarmado, pois largara o facão e a foice do outro lado do sítio, segue-se um combate quase manual.

Lançado ao pescoço do animal pressiona-o com as suas “garras” a mostrar quem é o mais forte. O animal já agoniza, grunhindo a reclamar. Lançando sua última alternativa de defesa aos braços de seu oponente, desferindo-lhe com as garras, novas perfurações.

O homem, como que por um ímpeto, grita seus palavrões e recorda-se de seu punhal a tiracolo, que em questão de milésimos de segundo já está enterrado a jugular do pobre animal, que simplesmente libera seu último

gemido, despedindo-se da vida e de seu agressor. Mas, como que também a avisar aos filhotes que teriam de se virar pra sobreviver de agora em diante.

Alfredo, como se chama o homem, já levanta sofregamente. A dor, que na luta parecia ter-se dissipado, volta mais forte e à medida que sente sua perna pesar, a cada instante um pouco mais. Aquela dormência que chegava a ser dolorida começa, a arder-lhe o local das feridas e se espalha pela perna e pelo braço.

Sente seu sangue, como se fora água de irrigação, que ao abrir a comporta vai descendo aos poucos nas canaletas. Assim fluía sua dor: fina e constante.

De repente, sentiu um arrepio percorrer lhe a espinha e seu escroto se encolher. Lembrou-se de sua mulher. Ana lhe fizera uma encomenda, dois molhos de coentro e cebolinha levar, para casa, e para a comadre Rita, que lhes trouxera carne outro dia.

Ajoelha-se para colher a encomenda, mas sente o sangue jorrar das marcas deixadas pelo feroz opositor de há pouco. Rasga uma das mangas da camisa e sobe a calça de trabalhar. Amarra o local na tentativa de estancar o sangramento, da perna e a seguir do braço.

Volta a seu trabalho, colhe rápido umas touceiras de cebolinha e uns poucos pés de coentro. Sai com o molho a reclamar e proferir três palavras inaudíveis.

Há ainda que atravessar o bananal, para finalmente tomar o caminho de casa. As cabras lhe esperam, famintas deveras. São elas que lhe dão força, com seu leite a lhe sustentar.

Ao encontrar seu facão e o capim, sente as dores das garras do guaxinim doerem-lhe na espinha. Sente o olhar enfraquecer-se, seria a noite? O olho está quase fechado, forçando a vista. Uma tontura aos poucos começa a incomodar, o estômago embrulhado lhe deixa em ânsias de vômito.

Com um feixe na cabeça e o outro na mão, segue tentando controlar sua dor. Para a casa são poucos metros, mas se parece mais longe. Seus passos, embora apressados, rendem menos cada vez. E vê-se claramente que não está muito bem. Atravessa a pequena ponte sobre o regato, construída pelo avô há anos e já grita pela mulher.

- Ô Ana! Me socorre meu amor!

A voz entrecortada pela garganta ressequida parece não chegar longe e nenhuma movimentação se vê da casa. Só mesmo o berro das cabras, a sentirem o cheiro do capim.

E a mulher, nada de aparecer. O que lhe impulsiona a reclamar uma vez mais seus palavrões, que sequer saem da boca desta vez, pela sua fraqueza de então.

Lembra-se do vizinho, com quem entrou em questão, já tem bons meses que nem se falam, por causa de uns tostões e uma quebradura de cerca, causada por uma res à época.

Sente-se mau. Suas forças estão se esvaindo pouco a pouco. Sente-se como se o feixe de capim pesasse mais a cada passo dado. Sua respiração ofegava cada vez mais.

A última vez que sentira algo parecido, fora quando em criança, ajudando o pai com outro feixe de capim, semelhante ao que carregava agora, tinha enganchado seu dedo mindinho do pé numa raiz de capim limão e se esvaiu em sangue.

Gritou mais uma vez pela mulher, ou ao menos tentou; já que a voz mal soou.

Mais cinco passos e chegou à cancela do cercado das cabras, e mais dois passos e elas o cercavam aos berros. Saltavam buscando surrupiar um pouco de capim.

Gritou mais uma vez pela mulher:

- Ô Ana, sua peste, venha aqui me ajudar.

Grito este, que não foi muito longe, abafado pelos berros das cabras, e nada da mulher aparecer.

Deu uns bons chutes e pontapés nas cabras, enquanto pronunciava alguns palavrões mais. Respirou fundo, e sentiu o ar entrar mui lentamente e caiu no meio das cabras.

---

# O Vereador

Um desses políticos, ditos do interior. Não um político qualquer, mas daqueles mesmo que trocam voto por dentadura e por par de chinelo havaianas, chegou no bar outro dia e já puxou assunto com o dono da venda que, por sinal, era da oposição:

- Bons dias meu camarada! Tu tens aí uma cachaça da boa? Se tiveres sirva-me uma dose e pra cada um dos cavalheiros aqui. - Disse o tal político com ar prepotente e tentando mostrar o quão bem sabia falar, para mostrar que podia, ao que redarguiu o dono do bar:

- Oxe, meu patrão, aqui só tem duas coisas que manda. Uma é o cliente e a outra é o dinheiro na frente. Pagando, tamo é botando pra geral. - Disse já provocando, sabendo da fama de caloteiro do tal sujeito.

- Mas o ilustre não confia em mim não, rapaz? - Disse o sujeito já puxando pro deboche. - E lá sou homem de pagar adiantado por serviço nenhum?

- Aqui é assim, pode até não pagar, mas também não leva a pinga, e se não pinga companheiro, leva trabuco.

- E tua cana não é nem da boa, é fraquinha. - rebateu o vereador. - É bem daquelas cheia de água.

- Cana da boa até tenho, mais pra cabra fuleiragem que nem o senhor, só com o dinheiro antes, inda mais que a eleição já passou. Nem sou seu cabo eleitoral, quiçá seu amigo, pra assumir conta dos outros.

— Você sabe cidadão. Pois desça uma só pra mim, se for da boa eu pago pra

todo mundo até mesmo adiantado.

Nessa altura da conversa já tinha se juntado um par de gente para ver se o tal político, com fama de caloteiro e ladrão, ia mesmo pagar pra alguém ou só era enrolação. O bar estava tão cheio, que só tomou a sua, se virou e partiu. A cambada só lhe vaiou. Chamando-lhe de enrolão.

Deu três passos para frente, rodou e voltou atrás:

- Ô compadre - Disse se dirigindo ao dono do bar. - Me dê logo o litro, que hoje quem vai beber é só eu.

---

# A Chave

Após uma centena e meia de ligações não atendidas, algumas mensagens no celular e milhares de chamadas de atenção e mensagens nas redes sociais, especialmente no facebook Messenger, no Whatsapp e no twitter, com uma frase muito simples, que para milhares de pessoas poderiam não significar absolutamente nada, a não ser letras juntas: “kd vc?”

Karen finalmente sai do banho e ao pegar o celular sobre a cama de seu quarto vê através dos milhares de recados e chamadas recebidas o quanto estava atrasada para o encontro com os amigos no shopping. Aparentemente, dando-se conta da situação, reserva-se a responder apenas “tô chegando” para os amigos.

Nada menos que 20 minutos depois, com maquiagem feita, mas com o cabelo um tanto quanto ainda bagunçado, mas trajando aquele shortinho cavado da moda, que destacava mais ainda seu avantajado bumbum, por isso era seu preferido. Aquele mesmo “estilo tira logo e me come”, como dizia uma amiga “bicha”.

Para completar o “visu”, uma blusinha de crochê amarela, sobre um sutiã de renda na cor azul marinho. Sai correndo de casa. Um detalhe importante de quase meia hora atrás, que comprometia mais ainda seu atraso é que o shopping não ficava a uma quadra de sua casa, senão que a uns bem contados 60 Km, na terceira cidade, seguindo pela rodovia federal.

Pega a primeira condução que passa, enquanto tenta responder aos amigos no “whats”, que já lhe perguntavam se ela estava ao acaso morta ou se

não iria aparecer. Uma mensagem contudo, deixou mais sobressaltada, Fernanda lhe enviara no whatsapp: “Amiga, tu num vem não? O Fábio, aquele gostoso, veio pela primeira vez pra nossa reuniãozinha e tá só perguntando por vc”.

Quando termina de ler estas, chega uma outra: “Vem logo, que do jeito que ele tá, não demora e já ele arranja outra pra comê”.

Por um lado, seu sentimento foi de indignação com a amiga e, por outro, de preocupação. Será que ela perderia o encontro com o Fábio? O que a fizera se atrasar tanto foi justamente se cuidar, preparando-se para estar impecável para o encontro sonhado há tanto tempo. Todas deviam estar com inveja dela, afinal de contas, o garoto era muito cobiçado.

Ficou nervosa com o que a amiga dissera. Se ia “trepar” com ele ou não, isso era problema dela. Só não podia era se atrasar mais. Ela não perderia por nada a chance de ficar com o gatinho mais gostoso da faculdade. Afinal, ele era o sonho de todas as garotas e ela teve uma chance imperdível de pegá-lo.

Uma meia hora depois, em um trânsito tão intenso quanto suas emoções naquele momento, eis que seu telefone toca. E não era o gatinho, muito menos a amiga invejosa ou outro qualquer de seus amigos “pé no saco”. Tratava-se justamente da pessoa que ela menos esperasse que ligasse uma hora daquelas: A mãe.

- Filha, onde você tá? Tô chegando em casa agora e não encontro minha chave de jeito nenhum.

- Fala sério mãe! Tô indo pra Sobral. Já tô quase chegando. Procura direito aí, vá lá. A senhora não vai querer que eu volte né mãe? Pelo amor de deus. – Disse a garota demonstrando toda a sua irritação.

- Mas você tem que voltar e é logo, que eu que não vou ficar aqui na calçada te esperando. - Disse a mãe deixando claro quem mandava. - Ainda mais depois de um dia como o de hoje. Só o que faltava mesmo, eu ficar esperando você chegar das suas farras.

Aquela altura a mãe estava realmente estressada. Sempre fazia isso só pra mostrar para ela quem é que botava dinheiro em casa, portanto quem mandava.

A essa altura do campeonato, começou a dar tudo por perdido. Uma lágrima correu-lhe travessa pelo rosto. Seu coraçãozinho, antes batendo

ansioso pelo sonhado encontro que estava para acontecer dentro de pouco tempo, agora se apertava, como que torturado qual um vil criminoso nos momentos que antecedem a morte na cadeira elétrica, ou como um desses torturados pelos regimes ditatoriais espalhados pelo mundo.

Com o rosto avermelhado, pela tristeza ou pela vergonha, chama o moço que cobrava as passagens da topique.

Antes da chegada deste, remexe a bolsa desesperada para saber se pelo menos está com a chave ou se deixou no vaso, costume antigo. Tirou da bolsa suas sombras, delineadores, brilhos para os lábios, seu fixador e corretor de pontas duplas para os cabelos; papéis com só Deus sabe que informações, dinheiro enrolado de qualquer jeito, entre eles, várias cédulas de cinco, umas de dois, uma de vinte e duas de dez reais. Não tinha mais de 60 reais. Tirou ainda uma camisinha sabor uva, que o passageiro ao seu lado deve ter visto, para inspirar-se a entoar baixinho parte de uma música, que fizera sucesso há alguns anos atrás com uma banda de forró muito conhecida:

- na sua boca eu viro fruta, chupa que é de uva, chupa, chupa, chupa que é de uva - cantou o sujeito quase cochichando.

Além disso a moça sacou seu absorvente interno, e finalmente a chave, que balançou no ar, com o maior ar de derrotada, quando o cobrador chegou. Por seu lado, este vem já se enxerindo:

- Opa gatinha! Em que posso lhe ser útil?

- Tu sabe que horas passa a próxima topique? Será que vem logo? Acho que vou ter que descer. Tu pode tirar a minha só até a próxima cidade?

Não fazia nem 10 minutos que o sujeito lhe tinha cobrado a passagem completa até Sobral. Outro qualquer jamais perdoaria. Mas vendo o desespero da moça quase chorando, resolveu ajudar. Contou rapidamente e devolveu parte do dinheiro para a moça, afinal não tinha emitido bilhete, isso sim, lhe impediria de fazer qualquer coisa.

Honestamente, não gostava de ver mulher chorando. Mas não se sabia se a ajudara por piedade ou por desejo de ter, no futuro, uma chance com aquela princesa, que pela roupa e corpão só podia ser uma deliciosa “piriguete”.

E foi justo isso que falou uma senhora, que devia ter no mínimo seus 60 ou 70 anos, quando a moça desceu rebolando com aquele shortinho que

tinha mais pano pra cima que pra baixo, deixando vaziar o bumbum.

- Isso aí é uma piriguete. As mulheres de hoje em dia, não sabem mais se dar valor e o pior de tudo, que tem um monte de homem que gosta. - Disse a senhora fazendo uma careta indescritível. - Num tem coisa mais difícil que arrumar uma nora que preste.

O comentário seguiu-se imediatamente ao assobio de um dos passageiros à passagem da moça descendo do carro. A pobre, pela cara de choro que estava, nem percebeu um nem outro. Apenas saltou triste por perder o encontro de seus sonhos. Ao atravessar correndo as pistas, pra não ser atropelada chegou um ônibus que passaria por sua cidade.

Ao segundo degrau, ingressando no ônibus, eis que se lhe toca mais uma vez o celular. Seria uma de suas chatas e invejosas amigas? Seria o Fábio? Naquela hora nem lembrou da mãe, a causadora de sua mais recente decepção. Era tal seu estado de desânimo que não esperava notícia boa qualquer.

Ao sentar-se na cadeira, de número 2, do ônibus, ao lado de um velhinho que arregalou os olhos olhando para o bumbum da moça e depois para a barriguinha aparente; saca o celular do bolso traseiro do short, o que por pouco não fez com que o velho tivesse um ataque cardíaco. “Como podia ser? Já era a mãe outra vez, para encher o saco. Só podia ser?”

Tentou retornar, mas a mãe não atendeu, só se escutou a vizinha da operadora anunciando a caixa de recados. Nunca sentira tanto ódio de alguém como daquela voz. Na terceira tentativa a mãe atende, ao que a filha já lhe grita:

- Que era mãe? Já tô indo! Você já acabou com o meu dia mesmo. O que foi agora? - Falou a jovem com uma educação tão grande quanto o cumprimento de seu short.

Ao que lhe responde sua genitora:

- Fale direito comigo sua moleca, que não sou suas “pareceiras” não. Lhe liguei só pra avisar que encontrei a chave, pra você não se preocupar.

---

# Jonas

Quando deu por si. Realmente estava na barriga do peixe.

---

# O Judeu

Eram umas 16h da tarde. Naquele dia estava sombrio o tempo, muito nublado, coisa bem diferente do costumeiro: o sol escaldante. Era shabat, portanto, descansava tranquilamente, depois de ter regressado da Sinagoga, que ficava na cidade vizinha e de onde chegara à casa já por volta do pino do sol.

Esperava ansiosamente a hora da estrela, para agradecer a seu D-us pelo abençoado dia de descanso e pela maravilhosa obra de suas mãos. Balançando-se em sua rede, tranquilamente estava Caleb, moço velho, acostumado que era de passar de um país a outro, vítima de perseguições constantes e críticas à seu povo, até esta altura da vida não encontrara o amor.

Suas irmãs designavam-no apenas, como um judeu errante. Não lhe incomodava tal descrição de si, pois jamais se apegara a lugar algum. Pela primeira vez na vida, estaria brevemente por fazer 10 anos parado em um só lugar. O lugar mais parecido a Israel que encontrara na vida, mas não no oriente, senão no nordeste brasileiro, para ser mais específico, no sertão do Ceará, terra, cujo nome em hebraico significa vento tempestuoso.

Achegando-se a hora da estrela, o encerramento do dia, e tendo-se passado da hora de sua terra mãe. Escuta lhe tocar o telefone. “Como podia alguém chamar-lhe a uma hora dessas? Seriam as irmãs? Não poderia ser possível; elas sabem muito bem a diferença de fusos horários entre os dois países.

Deixa-o tocar, fazendo uma prece ao Eterno, para que atenda em seu

lugar a quem lhe chama. Mas insistentemente o telefone toca, uma, outra, e assim, mais uma 4 ou 5 vezes, até que dá-se por derrotado pela insistência de quem está do outro lado e decide-se a atender.

- Shabat Shalom! Quem fala? - Diz, forçando mais ainda sua voz grave e, deixando transparecer a aflição de sua alma, pela gravidade do que considera atender ao telefone em pleno Shabat.

- Boas tardes, seu Calé. - Fala uma voz fina e baixinha do outro lado da linha, o que já deixou claro para si, que deveria ser alguns dos moradores da vizinhança de sua casa.

- Descurpa, sei que o sinhô não abriu o mercado hoje... - Continuou a voz do outro lado. Por sua parte, interrompe o falatório:

- Mas eu nunca abro no sábado, desde que cheguei aqui.

- Mas seu Calé, é qui minha mãe tá doente, num sabe, morrendo de dor, e o único comércio que vende comprimido nas arredondezas tudim aqui é o sinhô.

- Olhe, você me pode desculpar, mas é que hoje é meu dia de descanso, me entender? - Disse, com seu sotaque, ainda não eliminado apesar do tempo de convivência com os locais.

Desligou o telefone, sem dizer mais nada, que lembrou, só podia ser Antônia, que os locais chamavam de Toinha, a filha de Dona Cecília, que morava realmente um tanto quanto longe. Deviam ser uns 2 a 3 quilômetros pela estradinha de terra esburacada e cheia de poças e riachos, já pros lados da Tapera.

Por certo a garota devia estar mesmo muito desesperada, e bem possível que estivesse ao telefone público que ficava próximo à Igreja Católica, que reinava solitária no pé do morro, acima da comunidade, e na frente da qual todos acabavam sendo obrigados a passar, pela localização, bem em frente à casa de Dona Lourdes, que o povo insistia em chamar Dilurdes, e era justamente para lá que todos acorriam, pois só haviam dois telefones na pequena comunidade, o seu próprio e o orelhão da casa da dona Lourdes, que a todos atendia.

Sentou-se na sua rede e tentou esquecer o que passou, afinal era seu voto com seu D-us, guardar o santo shabat; era um mandamento para o seu povo. Não era certo quebrar.

Buscou em seu íntimo mil desculpas para não ir, e tantas outras razões para socorrer a filha moribunda em desespero apareceram. Levantou-se, lavou as mãos, rezou uma prece, vestiu uma camisa, foi até a porta, abriu-a, fechou-a e voltou-se. Não podia, tantos anos de vida cumprindo o mandamento e iria quebrar a esta altura da vida. Na idade em que já devia dar bons exemplos?

Voltou. Desta vez, sentou-se à espreguiçadeira da modesta varanda. De lá tinha uma das mais belas visões, do capoeiral que se entendia por trás da casa. Tinha medo, não sabia por que, de que a tal moça o visse. Sentiu de repente chegar-lhe um remorso.

Lembrou-se de sua mãezinha, que sofreu com eles fugindo de país em país durante a guerra. Sozinha, com 3 filhos, após o pai ter sido levado a um campo de trabalho forçado pelos nazistas. Sua mãe morreria, infelizmente a caminho de Israel, terra onde havia para eles a promessa de paz. Como seria feliz se ainda a tivesse. Talvez, tivesse ficado em Israel, se casado e formado família.

Mas por algum motivo, estava ali, numa cidade que sequer passava de uma vila, onde era o único comerciante. E não acreditava em destino.

Como teria sido, se lhe puderam salvar a mãe no navio? Não sabia. Não podia imaginar. Nunca culpava ao Eterno, nem a seus companheiros de infortúnio. Culpava sim, ao sofrimento, aos nazistas, aos porcos comunistas. Culpava ao mundo.

No íntimo de sua alma, escutava uma voz distante a sussurrar-lhe ao ouvido: “porque não salvar a uma pobre moribunda? Poderá a filha me culpar por um possível desfecho trágico para sua mãe? Como eu teria sido se lhe puderam salvar a progenitora?”; por fim uma última voz lhe soou mais forte: “Só eu lhe poderia salvar? Não poderia o Eterno providenciar que outro o fizesse?”.

Com a alma aflita, como não se deve deixá-la no shabat, sacou um lenço do bolso da calça, enxugou o suor que escorria na testa, o que desta vez ocorria pela aflição, e não pelo calor.

Decidiu-se por fim. Foi até o telefone, tirou-o do gancho, teclou um número, e, como a lembrar-se de outra coisa a fazer, baixou-o. Saberá o que estava a fazer?

Seria condenado por não salvar a moribunda e não violar o shabat; ou

o seria pelo Eterno por violar o shabat?

Veio-lhe à mente, como uma resposta do Criador, algo que lhe ensinara um velho rabino, quando morava na França, em uma de suas passagens por aquele país. Acreditava, que se referia ao Pirkei Avot ou Ética dos pais. Certamente a halachá, regra de conduta adotada por todos os judeus deveria ensinar algo a respeito.

Como que por um milagre veio-lhe uma imagem à mente, de um livro que lera, não lembrava onde ou quando, mas tinha claro uma afirmação.

Levantou-se apressado e correu à porta, abriu-a e caminhou rápido, subindo pela rua de terra, que vivia só com a promessa de pavimentação pela Prefeitura da cidade.

Encontrou a jovem desolada, chorando. Levantou-a pela mão:

- No chores filia mia. Que remédio necessita tu mãe? - Disse tentando animar a moça de seu desespero.

- Mãe precisa de Bus-co-pan. - Disse a jovem a soluçar em meio às lágrimas. — Mãe tá sentindo muita dor seu Calé.

- Non vou te vender, que eu non posso vender no Shabat.

- Mas o qui o sinhô veio fazer aqui então? - Disse a moça aumentando o tom do choro.

- Vou li dar o remédio. Porque é sinal do Eterno para cumprir uma mandamento maior que é guardar a própria vida e a do próximo.

---

# O Padre

Meu avô dizia, quando eu era pequeno, que todo padre de aldeia era igual: puxava o saco dos ricos e, de vez em quando, dava esmola aos pobres, mas o que não suportavam mesmo era ter bêbado dentro da igreja na hora da missa.

Eis que nossa situação se passa em uma destas feitas em que um bêbado, de nome João barrão, alcunha recebida pelo fato de cuidar dos porcos de um comerciante das redondezas, entrou na igreja, além de bêbado, fedorento, na hora da missa.

Pois bem, o dito cujo entrou na igreja na bendita hora que o padre estava bebendo o vinho, naqueles cálices grandes, que é preciso virar bem, senão não se bebe o conteúdo.

O bêbado de seu lugar, no fundo da igreja, gritou para o padre:

- Ô seu padre! Deixa um pouco pra eu! - ao que a gente toda na igreja, reservada a sua oração até ali olhou. O bêbado não se fez de rogado.

- Ô seu padre, dá pra nós beber também, que tá todo mundo doidim pra beber. Cê viu só como todo mundo me olhou, quando eu falei!

O padre por sua parte, um holandês velho, migrado para o sertão brasileiro em missão, para o que estava fazendo, talvez por ter terminado de beber o conteúdo ou talvez só pela indignação com aquela desprezível criatura ao final da igreja, cujo mau odor se podia sentir de onde estava. Olha-o fixamente, já vermelho e bufando de raiva, mas lhe responde, fingindo manter a calma:

- A senhor respeita o sangue da Senhor Jesus Cristo - Disse ele com seu sotaque arrastado, que as vezes nem se fazia entender direito pelo povo nas homilias. - Aqui não é das suas botecas pra você vir acabar com a oração das fiéis.

Incansável, o João lhe responde:

- Muito bunito pra ocê seu cabra! Fica criticando eu, mas taí, bebe tanto que até vira o copo, - e como que incitando o povo - né não negrada? E só quer beber sozin.

O padre de vermelho ficou roxo e de tão roxo já estava a ficar esverdeado, e conjurou todos os santos:

- Com San Miguel, Rafael, Benedito, Raimundo e Agostinho eu te esconjuro miserável, vá de retro filha de Satan.

A essa altura o padre já sinalizava para o sacristão para chamar uns cabras pra tirar o bêbado da igreja e deixá-lo terminar a missa em paz.

O “Barrão”, que estava no final da igreja, se deslocou até os degraus que antecedem o presbitério e ajoelhou-se, como quem rezava. Talvez a pedir a D-us um pouco daquele vinho do padre, para curar sua sede.

O padre, na tentativa de corrigir a situação e chamar os seus fiéis de volta a oração, fez uma evocação contra o vício da bebida, vício responsável por destruir tantas amizades e famílias:

- Meus irmãos e minhas irmãs, o vício do álcool mata, quem aqui já bebeu ou deixou de beber sabe como é. Vamos rezar a Deus e à Virgem Maria que acabe com essa vício de cachaça.

- Vamos rezar padre, pra nós conseguir acabar mermo com a cachaça. Porque eu bebo um litro e o sinhô faz dois. - Disse o João entregando o segredo do padre, dono do alambique local.

O padre se estava indignado, se emputeceu, como se diz por essas plagas sertanejas e bradou:

- Sai dessa corpo, em nome de Jesucristo, Satan! - O outro só lhe olhava, como a nada entender. - Esse corpo não te pertence! Você é a pai do mentira! Saia já desse corpo e liberta esse homem.

A essa altura alguns dignos cidadãos entenderam a situação em que se encontrava o sacerdote. Entre a cruz e a espada ou seria entre a cruz e cachaça. Levantaram-se e se dirigiram ao altar.

O sacerdote começou a sentir um leve alívio, pois certamente os homens ilustres lhe quitariam o sujeito ébrio de seu templo.

A cada passo dos homens, aliviava o seu coração, já que o incompetente sacristão não conseguira resolver a contento.

Curiosamente, os homens passaram pelo bêbado, ainda ajoelhado. É como dizem: o bêbado é protegido por Deus. Dirigiram-se ao padre e retiraram-no, aos protestos deste o do João.

Afinal, a melhor resposta a situação adversa é sair-se antes que piore.

---

# Valéria Letícia

Corria o dia. Quente de rachar os beiços, como todos os outros de Fortaleza. Estava eu sentado à mesa de uma lanchonete, uma situada quase defronte ao Banco ..., melhor seria não nomeá-lo, mas situado em um modestíssimo bairro, conhecido por ser um dos principais pontos em que a gente do interior da região do litoral norte cearense.

Estava ali observando o rápido passar dos transeuntes, a maioria a cortar caminho rumo a avenida próxima, visto que por aquele trecho que estava a frente da porta do banco não era permitida a circulação de veículos. Assim que é por aquele caminho entre o banco e as várias lojas que as pessoas mais apressadas em tomar o ônibus ou correr um pouco mais até a estação de trem, um tanto quanto mais longe.

Diante de mim, só mesmo a sólida e sombria paisagem, excetuando-se pelo grande jambeiro que reinava um pouco mais atrás, além de outras árvores seculares que viam a vida passar naquele estacionamento aberto. Ali, veem elas, a vida passar naquele recanto há anos. Há ainda 2 ou 3 quiosques sob a sombra das árvores.

De outra feita; a entrada do banco, onde param mototáxis, trombadinhas e outras pessoas, que estão para adentrar a instituição, ou que simplesmente vão para ali bater papo com os velhos amigos de todo dia.

Uma destas pessoas acabou por chamar-me a atenção, não pela beleza, senão que pela personalidade: Uma mulher, que deveria ter entre os seus 35 ou 40 anos de idade, não mais que isso, loura, de cabelo claramente

passado e penteado à base de água oxigenada, muito bem vestida, isso na minha opinião de homem que entende qualquer valor negativo de moda. Talvez fosse melhor dizer que estava coberta por roupas: uma calça jeans estilo “my boyfriend” de cor azul bem escuro com manchas de lavagem mais claras na frente, na região das coxas e atrás na região do bumbum. Na blusa decotada, uma frase um tanto quanto estranha, ou que ao menos pouco combinava com a mesma: “Carpe Diem”.

Outrossim, o que mais chamava a atenção de seus trajes e até de si mesma era um suntuoso cinto, desses bem largos, na cor preta e fivela dourada e cheia de pedrinhas brilhantes, com ênfase para as letras garrafais “VL”. Razão pela qual resolvi batizá-la Valéria Letícia.

Falava insistentemente ao telefone, em voz estupendamente alta, como se isso necessário fosse para se fazer ouvir pela pessoa no outro lado da linha. Por certo se tinha que todas as pessoas em um arco de uns 30 metros em seu redor se podia escutar com clareza qualquer coisa que dissera.

Enquanto isso, a gente continuava a transitar pela travessa, que se prestava exclusivamente à passagem de pedestres. Vez por outra, um passageiro trombava com nossa amiga Valéria Letícia, pelo fato de esta estar ocupando o seu caminho.

Ainda com o barulho da gente a passar, e a conversar à porta do banco e das buzinas e dos carros na avenida próxima, se podia ouvir tudo o que ela falava. O que se ouvia, permitia reforçar uma ideia constantemente: Ela desligaria o celular a qualquer momento e se direcionaria para o banco para sacar dinheiro ou pagar contas. Era este o principal assunto da conversa. Podia se ouvir tranquilamente:

- Mulher, tu num vai acreditar, eu sempre fui pobre, mas esse mês eu estou de parabéns viu! - E gesticulava tanto quanto a altura da voz, até parecia que a pessoa estava em sua frente. - É tanta conta pra pagar, que eu nunca tinha visto antes, é IPTU, IPVA da moto, a conta de luz que agora simplesmente resolveu vir o dobro do preço mulher.

Após pequena pausa, em que se supunha que a pessoa do outro lado da linha falava alguma coisa, continuava.

- Pois é mulher, é muita é covardia desse governo aí viu amiga.

Mais uma pausa, e metralhava:

- Eu tô aqui mulher, na frente do Banco .... Tenho que entrar lá pra dentro, mais a fila do pessoal que tem que entrar tá enorme minha filha, você não faz nem ideia. Acho que hoje é pagamento dos velhinhos viu.

De minha parte, sentado à mesa, esperava o garçom trazer-me meu pedido: Um X-Tudo, sem queijo e sem bacon, como sempre pedia, acompanhado de um belo suco de graviola, que era a melhor pedida da casa. Eu me esforçava até para desviar o olhar, a atenção e os ouvidos da mulher, não se tratava de um deslumbramento pela beleza, senão que pelo barulho que fazia a criatura a compartilhar a sua conversa com Deus lá sabe quem com todos que estavam por perto.

Estes momentos de concentração só foram interrompidos pelo garçom que finalmente me trouxe meu pedido.

- Senhor? - Acenei com a cabeça, avisando-o que agora estava atento a ele, que prosseguiu. - O sem X-Tudo sem bacon e queijo senhor e o suco de graviola, Correto? - Perguntou ele, com aquela cortesia e respeito própria dos garçons e que não se encontra em todos os lugares do mundo. Sinalizei com a cabeça, apenas informando que ele estava certo sobre meu pedido.

- Então aqui está. - Disse-me ele.

- Obrigado!

- Há mais alguma coisa em que eu possa lhe ajudar senhor?

- Não. Não, mas depois me traga uma água mineral natural geladinha e a conta, por favor?

Ao que o moço apenas anotou algo em sua caderneta à mão e já se virou, dando me as costas, sem dizer mais nada. “Certamente, os garçons devem ser pessoas que se cansam muito, precisam passar o dia inteiro e às vezes até tarde da noite tratando bem todo mundo”. Pensei eu, cá com meus botões.

A esta altura, degustava o meu delicioso manjar, que ainda me servia de desjejum, embora já fossem quase 10h da manhã, e com o sol a pino, só para registrar. O fato é que realmente estava faminto, pois ainda não havia engolido nada neste dia, em razão do trabalho e, principalmente, pelas grandes distâncias que separam minha residência do trabalho e, sobretudo, pela enormidade de tempo que se gasta no trânsito, entre um e outro, por causa dos engarrafamentos.

Finalmente a deslumbrante senhora desliga o celular e eis que nada mais que de repente, vira-se em direção ao banco, “é certo que vá pra lá mesmo”, pensei eu. Curiosamente após dois ou três passos, virou-se e se dirigiu a lanchonete. Não nego que tremi, “vai que decidia tomar satisfações porque a estava olhando?”

Vinha ela balançando o capacete suspenso a um de seus braços e na outra mão uma bolsa cor de goiaba, com fitinhas verdes penduradas nas alças. Dessas mesmas fitinhas de promessas de santo. E gritou para o garçom:

- Ei moço! Você tem suco de que?

O rapaz, não se sabe, se pelo susto que tomou ante o tom de voz da interlocutora, ou por não ter decorado o cardápio, gaguejou sem parar e sem conseguir dizer nada por quase um minuto, mas por fim, conseguiu dizer:

- Goiaba, abacaxi, acerola, manga, cajá, maracujá, tangerina, ... - Fez uma pequena pausa, como que tentando lembrar-se de mais alguma coisa. - Morango e graviola.

- Espera aí, moço! Me dá um cigarro. - Foi o que ela falou em seguida. A esta altura, o rapaz que estava cansado de sua ladainha, dirigiu um olhar fulminante à mulher.

- A senhora vai querer Derby ou Mistral? - Disse, transparecendo o tédio com a intenção de deixar claro sua má vontade em relação à cliente sem noção.

- Dá um Derby mesmo.

- A senhora vai querer o suco? - Disse, enquanto entregava o cigarro à mulher. - De que sabor vai querer?

- Olha, sei não viu? É de que mesmo que tem?

Como se já não tivesse p... da vida, o rapaz repetiu a ladainha completa do cardápio de sucos, que curiosamente era possível ler em um painel, que ficava à frente da mulher, mas por trás do rapaz, do lado de dentro do balcão.

- Goiaba, abacaxi...

Terminada esta, a mulher dirigiu-lhe um olhar de satisfação e lhe respondeu:

- Quer saber? Me dá um Nescau com um pão de queijo, moço.

---

# O Jegue

Já se via ao longe o despontar dos primeiros raios de sol quando escutou um forte barulho na pequena rua de terra que ficava no final do vilarejo. Eram os cachorros correndo atrás de algum animal. Talvez um gato, um boi ou um jumento fugido dos currais dos sítios que ficavam ali por perto. Outros até poderiam dizer que era um lobisomem, mas ele não cria nessas coisas.

Colocou o lençol sobre os olhos e os ouvidos e se enrolou mais na rede armada na sala, onde dormia, para tentar afugentar o incômodo que o barulho representava. Tentou uma, duas ou três vezes voltar a dormir e fingir que não passava nada lá fora.

Como a festa dos cachorros parecesse não acabar, como tivessem encurralado a presa, prontos a atacar definitivamente. Levantou-se e acendeu o candeeiro, se fosse lobisomem, algum ladrão, coisa rara ainda por aquelas terras, ou um bêbado, seria o suficiente para espantar tanto a presa como os cachorros, já que era possível muito facilmente se vislumbrar as frestas de luz a se emanarem pelas brechas da telha e da porta velha da choupana.

Esperou o barulho parar, o que aconteceu por uns 30, talvez 40 segundos, sendo retomado logo em seguida. Foi no pote, catou um caneco pendurado no torno na parede, bebeu água, como se bebera cana, para criar coragem e saiu rumo à porta.

Duas coisas certamente persistiam: o medo pela incerteza do que estaria diante de si em pouco tempo e o barulho das feras incansáveis.

Saiu da casa e de si. Criou coragem, sentiu-se um super-herói, como das histórias contadas pelo avô e os tios nas rodas de debulha de feijão. Sentia a forte obrigação de defender o nobre direito ao sono de seus filhos e da mulher dormindo na camarinha e, talvez, ainda não perturbados pelo barulho.

Empunhando o cacete, pedaço de galho de jucazeiro, suficientemente grosso e firme para quebrar as costas de um animal sem se quebrar, saiu da casa. Farejou com o olhar o barulho das feras na capoeira diante de casa. Vislumbrou a presença de todos os cachorros da vizinhança ali, que corriam e latiam, aparentemente cercando uma grande e ameaçadora presa. Não conseguiu, contudo, avistá-la.

Achegou-se mais, tomando o rumo da cerca que ele mesmo e os irmãos tinham feito em torno da capoeira, sob as ordens do pai, quando este ainda era vivo. Última tarefa com todos os irmãos reunidos. Depois cada um tomou o próprio rumo, só ele foi ficando por ali a manter a memória dos pais. Ao se aproximar da cerca percebeu que havia um animal preso. Talvez um bezerro, ou um bode, pensou consigo mesmo. Só ao se aproximar bastante, espantando os animais ferozes descobriu um jegue preso a cerca.

- O que aconteceu bichinho? Porque você ficou preso na cerca? Tava fugindo dos cachorros era? - Conversou ele como se o animal entendera. Talvez passasse o que passou a Balaão, com quem um burro falou. Considerava os jumentos como irmãos, era o que havia de mais irmanado ao sertanejo: duro, resistente e corajoso.

Tentou encontrar no animal a marca do dono, viu algo como se fora, mas totalmente desconhecida. Teria vindo de longe? A cacetadas, espantou todos os cães e foi em socorro do pobre animal. Tinha de libertá-lo da cerca e cuidar para que o dono o encontrasse bem depois.

A duras penas sacou o canivete do cinto e pôs-se a tentar cortar o arame. O animal enquanto isso parecia chorar suas dores. As pernas estavam presas entre os garranchos que serviam de tela à cerca, para impedir aos pequenos animais de adentrarem à roça.

O animal era deveras, muito manso. Poucas vezes na vida vira um assim. Praticamente esperou com calma ser liberto de seus grilhões.

Uma vez liberada a cabeça do animal foi a vez de desenganchar-lhe as pernas, uma a uma dos garranchos da cerca.

- Seria do compadre Zé esse jumentinho? - Falou ele em voz alta, mas com seus botões, ainda como se esperasse do animal ouvir a resposta. - É tão mansinho! Vou levar ele pras croas hoje pra carregar uma carga de mandioca, assim ele paga pela própria comida com seu trabalho e, quando o dono aparecer, eu entrego pra ele, ora essa.

Levou o animal até a casa e já ofereceu-lhe uma cuia de milho, o que o manteve tranquilo, mesmo após ter o cabresto colocado na cabeça e fortemente amarrado no pé de acácia em frente da casa.

A esta altura ninguém mais na casa tinha demonstrado estar acordado a não ser ele mesmo. E quando estava mais entretido com o jumentinho comendo milho, brevemente interrompido para relinchar, eis que lhe aparece Cosma, a mulher:

- Ô homem, que diachos cê tá fazendo uma hora dessas com esse jumento?

Assustou-se, como a muito não se assustava na vida. Estava sentado ao parapeito quando a mulher lhe falou, deu um pulo a uns 2 metros de distância como se tivera visto fantasma. “Talvez melhor fosse mesmo ter sido fantasma, porque essa mulherzinha é braba feito o diacho”.

- Oxe muié! Tu quer me matar de susto sua diaba! Eu aqui concentrado olhando o bichin comer e tu vem me assustar. Vai dormir.

A mulher que não recebera a resposta que estava a buscar, continuou:

- Onde foi que tu foi arrumar esse jumento homem?

- Mulher o bichin num tava preso na cerca, os cachorro tudo latindo com ele. Deram até umas mordidas no coitado. Era muita maldade deixar o animal sofrer. Ele é jumento, mas também é gente.

- Tu tá doido é? Ou é jumento ou é gente? Só tu mesmo que pode ser as duas coisas.

- Pois então se tá bom mulher eu já vou pra roça com o jumentinho e vou deixar vocês dormindo aí — Disse já colocando a cangalha no lombo do animal. — Mas mande o Manel ir deixar merenda pra mim mais tarde.

Horas depois, que o Pedro, nosso amigo, já tirara um feixe de capim para suas criações e arrancara mandioca suficiente para uma carga do animal e resolve carregá-lo. Como de costume, como fazia com os outros animais o

solta com a carga e vai andando atrás.

Para sua surpresa o animal desembesta numa carreira que sofre para poder acompanhar. Não entra e sai das estradinhas de terra da sua roça até em casa o animal já não estava mais no rumo certo. Tomou o rumo da Cacimbinha.

- Ê! Ê! Ê! - Tentava em vão o nosso amigo atalhar o animal. - Será que essa peste tá indo pra casa do dono dele? — Perguntava-se com seus botões.

A esta altura vem um senhor na estrada a cavalo, para o qual grita:

- Ei moço! Ataia o jumento aí!

O homem pareceu não escutar, mas ao chegar a seu encontro lhe pergunta:

- O senhor não viu um jumentinho preto com uma marca de T e um P na rabeira não?

Ele pareceu viajar até a madrugada, tentando lembrar a marca do animal.

- Eu comprei esse jumento ontem dum cabra das Cacimbinhas e de vez em quando ele foge pra essas bandas. Já fui intê lá, mas não achei o bichin.

- Ôpa! Meu nome é Pedro de Almeida. Qual é sua graça amigo?

- Sou Trajano Pereira. Moro alí pelas Cajazeiras. Se o senhor vê meu jumento me avise. - Disse e já foi ponto à marcha o cavalo.

- Ê moço! Hoje cedo credita que bateu esse jumento que tava correndo aí na frente lá em casa. Não lembro a marca que tem não, mas tava intê caçando quem era o dono.

- Pois rumbora acompanhar cabra! - E deu a volta e pôs-se rumo a atalhar o jumento no caminho.

Conferida a marca e verificado o dono, acertou-se a necessidade de dar destino a carga e se tornarem compadres os dois homens. Pedro depois de levar a carga do animal em casa, fez questão de ir com o filho mais velho deixar o animal na casa do novo conhecido, agora compadre. Pra selar a amizade ofereceu o Trajano a filha como nora ao amigo, que custou pouco a aceitar, porque o Evangelista, o filho, já não lhe tirava os olhos da moça.

Meses depois o matrimônio se celebrou e para garantir o dote o presente: o jegue que os juntou.

---

# O Mata Gatos

Uma das coisas mais comuns que se fala sobre os gatos, é que tem sete vidas, que tem poderes secretos e capacidades que a nenhum homem é permitido desvendar. Os chineses e coreanos os utilizam como símbolo de sorte, justamente pela crença nos poderes misteriosos dos gatos.

Os egípcios também tiveram sua fase de adoração aos felinos. Não raramente estes animais ocuparam papéis de deuses. E é bem comum que hajam pessoas com tal espírito científico que não costumam se fiar em absoluto nas divindades.

Eduardo era um menino comum, com nada que o diferisse, ao menos aparentemente, de outros meninos de sua idade, e ele não contava mais que três anos de idade. O que mais o chamava a atenção de todos era sua incrível curiosidade, o menino simplesmente fazia perguntas sobre tudo, o que costumava deixar os adultos em maus lençóis.

Nada escapava de se crivo de perguntas, desde aquelas mais comuns, como “mamãe, como foi que eu nasci?” Outro dia ao escutar que os pais o tinham feito ele já disparou a pergunta: “papai, como você e mamãe me fizeram?”

A primeira vez que viu uma mulher grávida, uma tia, não se conteve:

- Ô mãe! O que que aquela mulher tem? Ela comeu muito foi?

A mãe sem saber o que dizer, disse-lhe a verdade.

- Não Dudu, a titia está grávida, ela tem um bebezinho na barriga dela.

- Mas como ela engoliu o neném mamãe?

- Ela não engoliu meu amor... - Fez uma pausa, enquanto pensava como explicar para o filho a situação, por fim decidiu-se. - Quer saber, você é muito novo pra saber essas coisas meu filho. Vá brincar vá meu amor.

E mudou de assunto rapidamente, para evitar que o filho continuasse com mais perguntas.

Nos finais de semana os pais costumavam viajar para a casa dos pais, os avós de Eduardo. Em uma destas feitas, escutou uma conversa, cujo conteúdo abordava os misteriosos poderes dos gatos, e alguém deixou escapar que os gatos tinham sete vidas.

A partir deste dia, embora os pais não pudessem desconfiar sob qualquer hipótese de que era por essa razão, o Dudu começou a pedir aos pais um animalzinho de estimação. Foram dias sem falar em outro assunto qualquer. Seu único assunto de conversa era pedir um animalzinho de estimação como tinham os filhos da vizinha da avó.

Os pais que sempre pensaram na possibilidade de ter um animal, mesmo antes do filho nascer, cogitaram a ideia de adquirir um cachorrinho daqueles pequeninos e fofinhos. Resolveram-se a conversar com o filho sobre a possibilidade, mas ele disse que não queria um cão, mas um gatinho, como o desenho animado e como tinham os seus amiguinhos.

Tanto insistiu que conseguiu. Os pais presentearam-no com o tão sonhado animalzinho de estimação, um gatinho siamês com no máximo um mês de idade, com o qual o menino passou a brincar o tempo inteiro.

Passados alguns dias, o Dudu em casa com a babá o dia inteiro, os pais chegaram do trabalho e se depararam com o pequeno, chorando desesperadamente. Ficaram sem saber o que fazer:

- Meu amorzinho, o que foi que aconteceu? Você está sentindo alguma dor? O neném tá dodói? - A mãe já estava praticamente entrando em desespero e só quando o pai foi pegar a bolsa de saída, para levar o menino ao médico, deparou-se com um fato, que simplesmente poderia explicar a razão de tanto pranto: o gatinho estava estendido no chão ao lado da porta do quarto do garoto.

“O que teria acontecido?” perguntou-se o pai em seus pensamentos. O que teria causado a morte do indefeso animal? Teria sido alguma doença da qual era portador? Preocupou-se em contatar o veterinário para ver a situação.

Este que morava no mesmo prédio, apareceu em pouquíssimo tempo.

O animal estava definitivamente morto, e não havia mais nada o que fazer. Constatado o óbito do pobre animal, procedeu-se ao exame para verificar a causa mortis. E qual não foi a surpresa de todos ao saberem que provavelmente o gato teria sido enforcado, pois estava com grave fratura no pescoço.

A criança, que até então só chorava a perda, mas sem palavras foi convidado a oferecer algumas explicações:

- Meu filho, vem aqui pro colo do papai. — O menino, que era de um tom de pele muito branco, avermelhou, como o pimentão maduro, fez cara de choro e rumou ao colo paterno. Continuou o pai: - Meu filho sabe o que aconteceu com o gatinho? Porque que ele ficou assim?

A cara de choro da criança se ampliou, como se lhe aplicassem um zoom pra mil vezes. Simplesmente respondeu, entre soluços e lágrimas:

- Não era pra ele morrer papai! Ele não tinha sete vidas? Hunf... hunf... Eu só queria saber se era verdade papai, mas não era pra ele morrer. Ele não voltou papai, ele é um gato mal.

---

# O Trem

Na minha infância e boa parte de minha juventude vivi em uma casa simples, de pau a pique, mas o que guardo de mais importante em minhas memórias deste tempo tão memorável de minha vida de outrora é a vista deslumbrante que se estendia diante de minha tão modesta residência, lugar onde além de meus pais e irmãos se alojaram, meus avós maternos e alguns tios e primos que passavam por ali alguns dias durante o ano, ou simplesmente vieram a passeio e se abandonaram diante do deslumbrante cenário que se despontava ante os olhos.

Mas, então, o que chamaria tanta atenção de uma criança, ou dos forasteiros que preferissem viver em uma choupana ao conforto de suas casas de alvenaria? A paisagem, e que paisagem! Era simplesmente deslumbrante:

Ao fundo estavam as montanhas que davam junto com as nuvens que cobriam seus picos eternamente, mais abaixo os pequenos ribeiros que desciam as montanhas rasgando a terra rumo ao vale, indicando o rumo certo que estavam a tomar cada gotinha de água, talvez o oceano, mas nesse caso não era, senão o açude que se estendia por quilômetros no vale margeado pela estrada e pela linha férrea que completava a paisagem diante de minha casa.

O que mais me chamava a atenção, contudo não era nenhuma das belezas naturais que despontavam ante meus olhos, senão que o trem, este estranho ser que carrega cargas e pessoas e que na minha inocência não sabia de onde vinha nem para onde ia, só sabia que passava por minha aldeia, às vezes deixava alguém, como foi o caso do médico que veio examinar as

crianças, dos políticos que em épocas muito propícias apareciam distribuindo seus santinhos e pedindo o voto do povo e depois não mais regressaram por ali para agradecer, exatamente como ocorreu com certos leprosos, que curados por um milagreiro partiram e apenas um voltou para agradecer, no caso dos políticos era um pouco pior, porque nenhum regressara.

Quando dava tardinha e o sol começava a baixar, eu já sabia, era hora de olhar a passagem do trem. Quem viria? Alguém ficaria por ali ou estariam apenas de passagem?

Era uma gritaria só da meninada:

- Ô Mundin - Era como me chamavam, por ser Edmundo. - Vamos simhora ver a passagem do trem macho.

- Bora lá pra estação, ver quem vai ficar. - Sempre dizia-me Rogério.

- Bora! - Era só o que dizia eu, enquanto calçava os chinelos de dedo e corria pra não perder a visão.

Sonhava muitas vezes de olhos abertos em também partir naquele trem e um dia voltar como maquinista ou talvez como um homem importante de terno, gravata, chapéu e bengala, talvez com um cachimbo no canto da boca, como o fizeram alguns dos homens ilustres que por ali passaram.

Pois bem, o tempo passou e eis que o meu dia chegou e pude partir no trem rumo a capital, que não era para onde o trem ia, mas de onde vinha nas tardes, isso só descobri quando fui viajar. Consegui trabalho, me fiz carpinteiro, pedreiro e acabei me fazendo engenheiro, rodei o mundo inteiro, mas uma coisa não me saiu jamais da cabeça: a minha vila, e além da minha vila, daquela estação mirrada onde o povo desembarcava me restou por longo tempo o desejo de voltar, de descer naquele trem e ouvir da população do lugar:

- Olhem lá quem vem aí, se não é o ilustre filho de nossa terra, filho de seu Juvenal e dona Aparecida, se não é o neto de Juventina e Raimundo, aquele pequenino que um dia foi se embora que agora voltou.

E nos meus sonhos, iguais aos de em criança, me vinha o mesmo desejo, e porque não dizer lembrança do futuro, das vozes da gente gritando:

- Mas olhe lá o Edmundo!

- Olhem como está bonito!

- Deve ser homem importante na capital!

E por mais que meu desejo ainda existisse, a minha vontade de voltar só aumentasse, não seria o trem o meu caminho, posto que alguém o proibiu de passar na minha vila. Agora só passa o cargueiro. Os políticos agora vão para lá em seus carros de luxo, com chofer particular, pra não precisar se demorar até a passagem do trem. E há muitos que vem em aeronaves, coisa que em minha tenra idade já existiam, mas que não me foi possível vislumbrar antes dos meus 30 anos completos, ao desbravar o mundo.

Quanto a mim, me resta um sonho de um belo dia retornar as viagens de trem, que me acostumei a ver na infância e na adultez veio a se perder, com exceção de minha passagem na Europa, onde sequer tomei um ônibus ou taxi, movendo-me senão a pé ou de trem, para matar as saudades é claro, mas também para sonhar em ver belezas tão lindas quanto a de meu torrão natal.

Mas engenheiro formado, homem de muito trabalho, depois de rodar o mundo inteiro dei-me por vencido à vontade de me fixar e servidor me tornei da empresa que um dia já fez o mundo girar, graças a Maria fumaça, e depois o trem a diesel e que era responsável pelos trens de passageiros que por minha Vila passaram.

Homem solteiro, por muitos considerado prendado, merecedor de bom casamento, afinal não conto os que me foram oferecidos por amigos importantes na busca de casar as filhas, mas tudo o que eu mais queria era poder voltar de trem e quem sabe encontrar Maria, aquela menina magrela e sorridente, que abrilhantou minha infância cheia de brincadeiras e de cuja paixão nunca esquecerei.

Neste pleito busquei deputados, governadores e prefeitos, bati até a porta do presidente para as viagens de trem autorizar, mas o que eu queria mesmo era voltar a visitar meu antigo lar, desembarcando de trem.

Em uns dois anos e pouco consegui, com a gente toda articular pros trens começarem a rodar, até então eu sem voltar, pra minha terra natal. Mas meu coração era dividido entre a paisagem e Maria e o desejo do trem.

- Neste trem da vida o que nós temos é que embarcar nos sonhos que acreditamos e por eles até morrer, mas a lutar. - Dizia-me, para mim mesmo, todo dia, em memória a um mestre que mo dissera quando universitário.

Um dia o trem partiria e num momento chegaria. Autorizada a

partida, meu coração disparou. Onde estaria Maria? Poderia ela me esperar? Será que ainda se lembra? O suor nunca fora tão frio nem o calor tão avassalador. Foram horas de desespero, da noite que antecedia a partida, até o apito do trem.

- A viagem está muito tranquila, disfrute! - Me dizia o maquinista, mas meu desespero não para. O suor frio se tornou taquicardia, depois dor de cabeça, nas costas, nos joelhos. Era afinal, como correr uma maratona: as dores só se sentem depois que se para.

Das 2 horas de viagem que intermediavam meus dois lares pareceram eternidade sem fim. Os minutos finais pareciam os piores, até que o trem parou.

Umás 10 pessoas na estação indicavam que o glamour do passado, tinha ficado por lá. A maioria dos que estavam, estariam alí justamente pelo motivo oposto ao meu: por duvidar que ocorresse.

Cheguei e desci contando os passos. Contatara um parente que me pegaria na estação pra ajudar com as malas. Ele estava prontamente a me esperar, munido de majestosa plaquinha feita de cartolina com meu nome desenhado em uma letra, que se não fosse eu, duvidaria ser português.

Mas não era ele, a quem meu coração buscava, senão que a Maria Leontina da Conceição, minha amada. Como não a reconheci na multidão, perguntei ao primo:

-Ô Joaquim você tem notícia de Maria Leontina, que era nossa amiga em infância e com quem brincávamos muito? - Interroguei-lhe sabendo de que certamente me responderia, e a resposta veio:

- Olhe Mundim, você sabe que se passaram 20 anos né? - Acenei concordando com a cabeça. — Você sabe que muita coisa mudou? - Repeti meu último gesto, acrescido apenas de um outro sugerindo:

- Mas o que aconteceu com ela?

- Oxente Mundim, ela hoje é minha mulher, mãe de meus 3 filhos. - Olhando a expressão desaprovativa de meu rosto a esta informação nova, ele já começou a explicar-se:

- Ela prometeu lhe esperar, mas tinha medo de morrer sozinha, cê entende né? De você nunca mais voltar. Lhe esperou mais de 10 anos e ó aí nós

casamos.

Enquanto a prosa rolava com o primo a caminhada cansava a mim, que nada carregava a não uma bolsa de mão, com poucos itens. Não demorou estávamos em sua casa, bem próxima à minha antiga casa e só ali percebi:

- É meu amigo, o tempo passa e não nos pode esperar; - Disse a meu amigo, antes de reservar-me a esquecer esta memória tão agradável da garota que amei tão cedo.

Mas ao chegar a sua casa, me parecia que o tempo de repente voltara, como se nunca tivesse partido, como se o tempo tivesse parado a mais de 20 anos atrás. Mas não foi com a minha musa Maria Leontina que fiquei tão deslumbrado. O tempo não lhe fora tão favorável como a mim, parecia cansada, desgastada pelo tempo e pelos muitos afazeres domésticos, estava bastante envelhecida e cheia de rugas, os cabelos, que outrora eram de um castanho claro, agora beiravam o cinza do grisalho.

De outra parte sua filha que não podia contar mais que 17 anos, já prestes a fazer dezoito e atingir a maturidade legal. Apaixonei-me. E curiosamente da mesma forma que fui apaixonado e dedicado a sua mãe anos atrás. Apostei nisso.

---

# O Primeiro dia

Naquele dia ele acordou mais cedo, não tão cedo para a grande maioria das pessoas, mas muito cedo para o seu próprio hábito cotidiano. Qualquer um que lhe conhecesse suficientemente bem, de imediato estranharia totalmente seu comportamento.

Tomou banho, fez suas orações, coisa que costumeiramente não fazia, exceto quando era cobrado por seus pais a frequentar a pequena sinagoga que ficava tão longe de casa, que para ele era em uma outra cidade, mas a qual seus pais eram ávidos frequentadores. Fez a barba, ao menos os contornos desta, para parecer mais civilizado; penteou os cabelos, como há muito já não o fazia, tanto que lhe perguntavam sempre, se ele era algum tipo de revolucionário ou se era adepto de alguma filosofia hippie; isso porque embora fosse judeu, era impossível identificá-lo com um ultra ortodoxo.

Embora não o fosse, sempre achou uma extrema tolice isso de ter que preocupar-se demasiadamente com o próprio visual. Para ele a existência era algo muito mais transcendente que isso. Ter de ficar escolhendo roupas, penteados, amigos, onde ir, e todo tipo de outras futilidades a que a grande maioria das pessoas comuns estão submetidas.

Portanto, nunca se considerou uma pessoa comum, muito mais, se considerava uma pessoa muito especial, diferente das outras, não um escolhido, um profeta ou um ungido, mas apenas uma pessoa diferente da maioria.

A propósito, aquele dia despertou mais cedo, não porque tivesse um

objetivo especial, mas de repente sentiu uma vontade única de cuidar de si mesmo. Sentiu um súbito desejo de ser si mesmo, ter a sua própria identidade, mas ao mesmo tempo, mais único que costumeiramente. Queria ser visto, queria ser percebido e lembrado.

Sentiu saudades de ver a gente caminhando pelas ruas, apressada em resolver qualquer coisa insolúvel, sentiu o desejo de olhar como as suas vidas são vazias de sentido, como passam diariamente de tantas belezas, de tantas maravilhas arquitetônicas, bem como de tantas maravilhas naturais distribuídas nos vários parques da cidade, cuja beleza a maioria de seus patrícios sequer percebia.

Ao descer as escadas, viu que ninguém estava mais ali. Certamente, deveriam estar em seus respectivos trabalhos, sua mãe, Mirian, seus irmãos Daniel e Caleb. Já sua irmã Rivca deveria ter ido para a Escola, da qual, diferente dele, embora tenha conseguido passar por ela e ir à Universidade, ela parecia gostar muito.

Tomou simplesmente um copo de iogurte natural, tirado cuidadosamente da geladeira, e que parecia, ter sido reservado especialmente para ele; igualmente colheu uma maçã da cesta de frutas e deu uma mordida.

Saiu a passos lentos e fechando cuidadosamente a porta atrás de si. Arrumou seu casaco de fino couro, mal vestido, para que parecesse melhor posicionado no corpo. Espantou pequenos pontos brancos que se espalharam descuidadamente de seu casaco e respirou fundo, inspirando pelas narinas o ar frio da rua, em plenas 9:30 da manhã de inverno bonaerense.

De repente, pensou em D-us, devia ser ele o criador daquilo tudo. Mas às vezes, sentia-se tão vazio de qualquer estrutura que os outros chamassem de fé. Pensou em sua família com um ar de alegria, expressado por um daqueles sorrisos, que só quem sorri, sabe que está; este, aos poucos passou ao desprezo, pela aparente apatia de seus pais ante tudo o que passava ao redor.

Por fim, começou a lembrar das mulheres por quem já sentiu alguma coisa. Aquelas mesmas garotas, que por vezes se lhe revelaram perfeitas, e com o tempo e as poucas chances de que dispunha de com elas ter um relacionamento superior a um bom dia, tornaram-se feias; não muitas, de fato, mas lembrou-se, por um instante com carinho, mas que foi passando pouco a pouco a uma nova forma, mais próxima da vontade de sentir-se acompanhado

e amado por alguém. Por fim, sobreveio-lhe o velho ar de desprezo com que se referia ao tempo pretérito, um total distanciamento ante tudo o que passou. Tal preceito defendido como mandamento, em vista do cuidado em viver o tempo presente.

Por um momento, a escola, a faculdade, as namoradas e muito do que havia passado imediatamente anterior aos seus últimos dois anos de letargia, pareceram distantes e ilusórios. Sentiu-se velho. De repente sentiu-se responsável, na verdade, sentiu a necessidade de ser responsável por algo, por alguém.

Respirou fundo para espantar os velhos pensamentos, queria se sentir jovem, não adolescente, mas jovem, que já tinha passado daquela fase dos sonhos e devaneios solitários.

Olhou para as pessoas na rua. Uma senhora idosa caminhando com seu andador sofregamente. Um velhinho elegantemente vestido a caminhar apressadamente pela rua e que tropeçou ao passar por uma jovem bonita e vestida de forma a chamar a atenção dos olhos de qualquer homem, com essas roupas de academia muito coladas, quase outra pele.

Riu sem querer, mas descompassadamente. Não do tropeço, ou da moça, mas riu verdadeiramente da tentativa em vão do homem de disfarçar o seu olhar as protuberantes nádegas da donzela próxima de si.

Começou a refletir sobre a intenção dos sujeitos: por qual motivo aquele homem olhou para a moça? Talvez buscando ver suas entranhas mais íntimas, ou porque buscasse carinho, não encontrado em casa, ou simplesmente a tivesse olhado descuidadamente? E a moça: teria ela saído realmente buscando chamar atenção? Queria ela sentir-se mais confortável para uma caminhada? E a vovó do andador, teria ela a necessidade de sair de casa para o supermercado? Não teria quem pudesse ir em seu lugar?

Infelizmente não poderia saber os motivos de ninguém. Às vezes desconhecia os seus próprios, mas se pegou a pensar, que motivo teria ele, para acordar mais cedo em uma quarta-feira qualquer e sair para a rua, dia em que raramente acordava mais cedo.

Caminhou um pouco mais vendo tranquilamente os carros a passar velozmente na rua; as pessoas se atropelando apressadas na calçada. O corre-corre da selva de pedra da cidade. Faltavam apenas quatro quadras para chegar

ao local que inconsciente buscava e que há dias lhe tirava o sono.

Não tinha pressa, contudo, ia calmamente deslizando pela rua a olhar, a sentir o doce ar poluído da cidade, pela fumaça dos automóveis, pelos odores saídos das padarias e quitandas de comida do bairro, pelos perfumes, nem sempre agradáveis dos personagens com quem cruzava na rua.

Tinha enviado alguns dos textos que escrevera a um experiente editor de revistas, conhecido de seus pais, na verdade um cliente. Queria que alguém opinasse sobre eles, e talvez este senhor não fosse o melhor, mas talvez o único que conhecia. Já que estava na rua, decidiu-se a ir vê-lo.

De repente sentiu tremer o mais íntimo de sua alma, sentiu medo do que o tal Sr. Monroe poderia dizer de seus textos. Deu uma vontade enorme de correr de volta para casa, mas não foi. Lembrou-se de sua experiência no serviço militar obrigatório e de uma lição aprendida, que diante do medo de pular de um paraquedas o melhor é pular em primeiro que ser o último, pois este sempre sofre mais, não pela queda, mas pelo medo de pular.

O homem não tinha lhe convidado a visitá-lo em seu trabalho, mas como já tinham quase três semanas que lhe havia enviado por e-mail os tais textos, quis vê-lo. Não quis cobrá-lo pelo mesmo meio, pois acreditava ser impessoal demais. Preferiu ir vê-lo em seu escritório. Poderia ser incômodo e, talvez realmente o fosse. Mas decidiu-se a ir. Alguns bons passos depois se encontrou diante da porta do Edifício Cláudio Azevedo Perez, exatamente a altura do número 1.354 da Rua C.

Hesitou mais uma vez em tocar a campainha, a excitação diante do que o Sr. Monroe poderia lhe dizer sobre seus textos começou a lhe corroer a alma. Suas faces enrubesceram, seus lábios ressequiram-se e sentia-os rachados como as lagoas secas. De repente sentiu ânsias de vômito, vontade de chorar e de rir ao mesmo tempo. Sentiu-se desesperado diante daquela situação e mais uma vez lembrou-se de quando paraquedista, e decidiu-se a pular. Tocou o interfone da sala 301, onde ficava a sala do Sr. Monroe. Demoraram uns 30 segundos para que alguém atendesse. Pareceu uma eternidade.

Uma voz de mulher se escutou do outro lado do interfone:

- Revista do comércio regional, bom dia. - falou uma voz feminina doce e rouca.

Ele tremeu mais uma vez e foi com a voz trêmula que respondeu:

- Gostaria de falar com o Sr. Monroe. Ele se encontra?

- Quem gostaria? – respondeu a mulher com voz rouca - O senhor marcou hora com ele?

- Me chamo Benjamin Santos e infelizmente não marquei hora. Será que ele poderia me atender?

- Você poderia subir? Verei com ele. Um instante, por favor.

Essa conversa rápida ao interfone, seguido do som entre o estridente e rouco, característico dos porteiros automáticos por corrente elétrica, que liberava o portão o fez sentir calafrios na espinha. Tinha horror a ser julgado. E eis que agora, sentia-se como um réu a caminho do júri, minutos antes da condenação.

Lembrou-se levemente de algo que tinha lido na faculdade sobre o inferno serem os outros, e de repente entendeu perfeitamente o que o tal filósofo queria dizer. Sentia um espantoso medo das palavras que o Sr. Monroe poderia dizer em breve. Ele poderia simplesmente levá-lo às alturas com suas considerações, como também destruir tudo aquilo que fizera até então.

Subiu as escadas degrau a degrau, sentindo cada um deles como se fossem um quilômetro inteiro percorrido cada um.

Por fim, com as mãos suadas e o rosto corado, tocou a porta da sede da Revista do Comércio Regional tremendo por dentro e por fora também. Foi atendido à porta, pelo próprio Sr. Monroe que o convidou a tomar um café e conversar.

- Bom dia Sr. Santos! Seja bem vindo. Desculpe, mas não sabia que o senhor viria hoje. Mas de qualquer modo tenho sempre um tempo na agenda para atender gente talentosa como o senhor. — Falou ele, com uma voz bastante acolhedora e um sorriso, que temeu que fora sarcástico.

Mil pensamentos começaram a passar por sua cabeça rapidamente. Era um turbilhão de ideias e a maioria delas apontava para um mesmo caminho. O Sr. Monroe teria lido seus textos? Achado que ele tinha pouco talento para a coisa e só o chamou de talentoso para deixá-lo mais à vontade.

- Vamos, sente-se Sr. Santos, vamos tomar um café, está bastante frio lá fora hoje. - continuou o Sr. Monroe com a voz entrecortada por um sorriso

que lhe pareceu extremamente franco, enquanto lhe apontava uma cadeira ao redor de uma mesa redonda.

- Sim, Senhor Monroe. - Sorriu, ainda pasmo, pelo medo que lhe aterrorizava no mais íntimo de sua alma. - O Senhor viu algum de meus textos, Sr. Monroe? O que achou deles? – Perguntou avidamente com a voz trêmula e entrecortada pelo seu próprio tremor.

- Você está quase nervoso, não é Sr. Santos? – Disse o Sr. Monroe sorrindo e apontando novamente a cadeira para que sentasse.

- Sim, estou bastante – disse gaguejando – Vim logo, pois estava muito nervoso e não aguentava mais esperar uma resposta sua. Estava muito ansioso. Me desculpe por isso Sr. Monroe.

- Vamos combinar uma coisa – disse o Sr. Monroe sentando, após ver que seu convidado já estava sentado e mais tranquilo – a partir de agora você me chamará apenas de Yoseph, não mais de Sr. Monroe, assim você me deixa velho e ultrapassado e não gosto nada disso e, além do mais somos colegas, não é?

- Bom, não sei... Se o Sr. acha melhor assim... Tudo bem – disse nervoso como nunca.

Nesse meio tempo o Sr. Monroe pediu que sua secretária trouxesse um café para ele, com algumas rosquinhas especialmente preparadas pela esposa do Sr. Monroe casa semana e que ele costumava servir a seus convidados e visitantes.

- Veja Benjamin, estes biscoitos são especiais, minha esposa os prepara pessoalmente, e os sirvo somente aos meus visitantes mais ilustres, como você. – Disse tentando deixar seu visitante mais a vontade, com seu sorriso e brincadeiras que só os mais próximos conheciam.

Benjamin sorriu sem graça e acenou com a cabeça concordando com o Sr. Monroe, já com a boca ocupada com os deliciosos biscoitos feitos pelas mãos da esposa do outro e servidos pela secretária do mesmo.

Só aí teve tempo e condições psicológicas de olhar um pouco para o local em que estava. O prédio não era vultoso. Era na verdade pequeno, apesar de 4 pisos, em cada um deles só dispunha de 3 salas. A sala do Sr. Monroe não era ricamente detalhada, embora não se tratasse de um pardieiro.

Era organizada, com toques femininos, graças ao trabalho de sua secretária, e talvez da esposa. A primeira parecia ocupar-se continuamente em manter a arrumação do local.

As mesas não tinham muitos papéis, com exceção é claro, da mesa do Sr. Monroe, que tinha pelo menos duas pilhas de papéis muito organizados e separados em pequenos blocos. Um computador, um abajur e um porta-canetas, cujo material não conseguia distinguir, completavam a mesa do Sr. Monroe.

De outra parte, quase a frente da mesa deste, estava a da secretária, que a propósito se chamava Lucy, onde se encontrava o telefone e, logo ao lado, na parede, o suporte do interfone. Mais ao largo, e próximo à janela, que possibilitava uma linda vista, para o rio que banhava a cidade, estava situada a mesa a qual estava sentado, redonda, com seis cadeiras, parecia ser o local habitual de reuniões do Sr. Monroe.

Mais ao fundo, em um canto, alguns armários, tipo fichário, onde deveriam estar guardadas muitas e ricas informações utilizadas pela publicação coordenada pelo Sr. Monroe. Um quadro completava a beleza da sala. Devia ser de algum pintor modernista, ou de rua, não famoso ou conhecido, mas bonito. Não entendia, contudo, o significado de tal obra. Talvez, nada mais que riscos sobre a tela.

- Parabéns Sr. Monroe, quer dizer, Youseph. Os biscoitos feitos por sua esposa são realmente deliciosos.

- Obrigado! Os trago a meu escritório para servir a meus convidados e visitantes, só para ouvir isso. – Disse ele sorrindo - Mas vamos ao que lhe trouxe até aqui Benjamin! Os seus textos.

-O Sr. achou eles muito ruins? Fraquinhos?

- Olhe Benjamin, vou lhe ser muito sincero, não sou o melhor para opinar sobre o tipo de textos que você escreve. Você sabe que sou jornalista e você não escreve um tipo de texto em que me tenha especializado.

- Então o senhor achou-os muito ruins? – disse tremendo e com as faces coradas como tomates no mercado.

- Bom, era o que estava dizendo Benjamin. Não sou formado em literatura, nem tenho prática com a análise de textos poéticos e contos como

os seus. Então o que posso lhe dar é minha opinião pessoal. – Disse agora assumindo um ar mais sério – e honestamente, eu nunca gostei muito de poesia, só li mesmo no colégio os livros que éramos obrigados a ler pelos professores de literatura.

Benjamin corou mais ainda e já sentia uma úlcera a corroer-lhe a alma. Suas mãos e pernas tremiam como se estivesse passando por um mal súbito. Continuou o Sr. Monroe:

- Contudo, pela primeira vez eu consegui ler um material de poesias do começo ao fim, e não consegui parar até terminar. – Completou, tranquilizando o rapaz que estava visivelmente tremendo e suando frio. - Você não é formado em literatura é?

- Não Sr... Digo Youseph, sou formado em Filosofia e Psicologia, mas não exerço a profissão. – disse com voz ainda trêmula, mas respirando aliviado – Me sinto muito fraco em conhecimentos e prática para me aplicar totalmente no trabalho, atender e poder ajudar as pessoas a melhorarem suas vidas. Às vezes acho, honestamente, que eu que preciso de ajuda.

- Você está mais tranquilo agora? – perguntou o Sr. Monroe preocupado com o jovem.

- Não muito, pois ainda não sei se meus textos valerão a pena ser lidos por alguém.

- Isso é o que veremos, meu caro – Disse, mais uma vez com aquele ar de quando o acolheu no seu escritório. – Tenho uma proposta para lhe fazer.

- Qual? – Disse tremendo, pelo resquício do choque inicial e por medo do que viria pela frente.

- Vamos por partes, como o Jack estripador então – falou ele, relaxado e voltando ao tom de brincadeira – Primeiro, tenho um amigo que faz parte da Academia de Letras da Província, e acho que ele poderia ver seus textos. Ele é autor de poesias, é formado em letras e em jornalismo, é um colega meu, entende? – disse olhando nos olhos do jovem, como a oferecer segurança.

Benjamin por sua vez acenou com a cabeça, que parecia entender o que ele falava, mas na verdade, em seu íntimo, não estava entendendo nada, e nem sabia onde o outro queria chegar com a conversa.

- Creio que ele possa fazer uma melhor análise de seus poemas, e até

lhe orientar melhor, quanto ao que fazer com eles. Se você quiser eu envio seu material, sem dizer a quem pertence para que ele o analise e diga alguma coisa, e aí te digo depois.

- Sim, pode ser muito bom – disse ainda tremendo e quase chorando.

- Bom, farei isso. – Disse olhando para ele e em seguida já virando para a secretária - July, por favor, traga uma água para o garoto, ele está precisando.

- Continuando – falou enquanto a secretária já chegava lhe servindo um copo com água — por outra parte, quanto ao seu jeito de escrever, me agradou muito e gostaria que você retornasse aqui na próxima semana para conversarmos sobre um outro assunto, mas que por enquanto não posso lhe adiantar totalmente, pois preciso fazer alguns contatos antes e conversar com algumas pessoas, tudo bem assim?

Benjamin tremendo-se feito vara verde com o vento, e com as lágrimas vertendo pelo seu rosto, corado como nunca estivera antes na vida, olhava mais uma vez para aquele homem e continuava sem saber se sentia medo, pânico ou terror. Mas tinha por certo, que ele parecia ser um bom amigo, e que tinha reta intenção de ajudá-lo.

Voltou a lembrar-se mais uma vez de quando estava na rua e de como pensara no papel que as intenções exerciam sobre cada indivíduo, pois é impossível a outrem conhecê-la, sem o consentimento.

A imagem do inferno que aterrorizava sua mente com o possível desprezo de seus textos e que esteve bem presente ali, ainda passava em pequenos flashes. Imaginou que poderia ser pior.

Respirou fundo e voltou mais uma vez ao que passava naquela sala. Deparou-se com o rosto amigável de seu anfitrião, o seu sorriso aberto fez com que recuperasse sua alegria e a claridade ímpar daquele dia voltasse a inundar seus olhos, marcados pelas lágrimas do momento.

- Desculpe-me senhor... Digo, Youseph, pelo incômodo de vir a seu escritório e atrapalhar seu trabalho – disse o jovem olhando para seu anfitrião que sorria acolhedor.

- O que é isso meu jovem? Quando falei no início que pessoas talentosas como você podem sempre vir aqui, falei a verdade. E tenho real

interesse naquilo que escreve, por isso vou pedir a meu amigo que dê uma olhada. Acho que você tem muito potencial.

-Obrigado Youseph - disse Benjamin secando as últimas lágrimas de emoção de seu rosto. - E quanto à outra proposta, do que se trata?

- Não, não é coisa ruim, mas não poderei te adiantar para não criar esperanças, vou conversar com algumas pessoas e na próxima semana apareça e conversaremos a respeito. Agora infelizmente terei que sair para visitar um cliente – falou sorridente -, mas, seguimos em contato.

O Sr Monroe ergueu o garoto da cadeira em que estava sentado e lhe deu um abraço, como se fora a seu próprio filho, agradeceu mais uma vez a visita e pediu que se sentisse à vontade em retornar.

Benjamin se sentiu minúsculo de repente, perto daquele homem de quase dois metros de altura a lhe abraçar, igualmente se sentiu protegido, como se sentira quando criança e era abraçado por seus pais quando tinha medo das tempestades.

Só então passou o medo que sentia do Sr. Monroe, que pela aparência metia medo, alto, com um bigode de poucos amigos, e um jeito que sempre metia medo em crianças.

Lembrou então que não era mais adolescente, e veio a doce vontade de ter responsabilidades de homem, talvez uma família, sua própria casa, o seu próprio trabalho.

Ao descer as escadas, sentiu pela primeira vez uma sensação de liberdade, de que era capaz de fazer muitas coisas, de realizar muitas coisas, de criar o mundo. Sentiu-se como se fora uma pequena parte do universo, mas inteiramente integrado a ele. Sentiu uma forte energia com a qual estava conectado. Desceu rápido as escadas e chegou a rua.

À rua foi só sorrisos. Sorria para cada transeunte, muita gente o ignorou, mas seguiu aliviado, como o paraquedista que venceu o medo de pular, e pulou e chegou ao solo tranquilamente. Sentiu uma esplendorosa alegria por estar vivo.

Foi direto para o parque próximo a sua casa e viu algumas flores, despreocupadamente abertas a margem do caminho de pedras toscas. Colheu uma, cheirou e bailou, como se houvera um par para ele no momento.

---

# O Socorro

Seria uma manhã comum, excetuando-se pelo fato de que as nuvens a tudo encobriram na cidade, não sendo possível enxergar mais que dois metros adiante dos próprios olhos, isso após um certo esforço da vista.

Isto não seria de modo algum estranho se estivéssemos em uma cidade situada nas montanhas, com algo em torno ou superior aos dois mil metros de altitude em relação ao nível do mar, mas este não era o caso da cidade em questão, por se tratar de uma cidade litorânea e, portanto bem próxima ao nível do mar. Dúvida essa tirada através do próprio celular com aplicativo que definia entre outras coisas a altitude e a localização geográfica do celular, o tal software podia sem problemas ser utilizado para cálculos de planificação e altimetria dos terrenos.

Segundo o equipamento não poderíamos estar mais que a oitenta metros do nível marítimo, já descontado o fato de no momento estar sendo realizada a medida de uma varanda de apartamento localizado no quarto piso de um edifício de apartamentos no centro da cidade.

A penumbra era tão forte, embora o costume pela hora fosse o sol estar a pino, que sair de carro ou mesmo a pé seria um grande desafio, exigindo até das pessoas mais atentas o máximo de sua atenção ao caminho. O risco de atropelar alguém ou de ser atropelado para aquele dia na avaliação das seguradoras era maior em quase cem por cento. Isso se fosse o hábito climático da cidade resultaria em taxas de seguro mais elevadas.

Honestamente Augusto não gostaria de sair, apesar de não acreditar

nem um pouco no que as pessoas falavam sobre sexto sentido, o que para ele não passava de lenda, mas sentia, como a lhe dizer que este não se tratava de um dia ideal para passeios ou mesmo de sair à rua para ir ao trabalho, mas precisava trabalhar, afinal de contas não passava de um forasteiro sem eira nem beira, como a gente falava por ali. Não tinha parentes na cidade, sequer tinha amigos e só conhecia alguns colegas de trabalho, reduzindo-se, a saber os nomes, e se tinham ou não família, a contar pelos eventos de trabalho onde estes iam e levavam sua famílias. Portanto, estava sozinho, irremediavelmente sozinho no mundo. Como dizia em uma de suas obras um filósofo francês chamado Sartre “o inferno são os outros”, ou seja, o inimigo pode ser qualquer um e pode vir de qualquer lugar.

Demora-se um pouco mais a contemplar a rua, ou melhor, a escutar o barulho que vinha de lá, já que não era possível ver nada além dos vultos dos faróis acesos lá embaixo. Decide-se por fim a ir. Cata um, sobretudo no armário, um tanto quanto amarrotado pela falta de uso e pela situação de armazenamento no armário, que diríamos que não era dos mais arrumados. Saiu batendo a porta e desceu pelas escadas, preguiçosamente, a contar degrau por degrau, enquanto imaginava todas as possibilidades para aquele dia.

Deu um discreto bom dia a dois sujeitos que encontrou pelo caminho até o térreo. O porteiro como sempre se esforça para puxar assunto, coisa que não é própria de todos os porteiros, mas é um hábito extremamente comum a gente do lugar, onde todos, homens, mulheres, idosos e até mesmo as crianças querem se mostrar amigos e acolhedores em relação aos “de fora”, como dizem.

- Bom dia doutor Augusto! - Como apenas meneou com a cabeça, devolvendo-lhe o cumprimento, ele continuou, esperando que viesse a responder a próxima tentativa. - Dia lindo hoje, não é? Tomara que chova, está precisando porque esses últimos dias estava fazendo muito calor não é?

- É! - Foi o que lhe respondeu secamente, evitando prolongar a conversa, e torcendo para que entendesse a intenção.

Saiu por fim à rua. “Tinha que trabalhar, afinal era este o único motivo que me trouxera a esta cidade”, pensou. Na rua, o vento frio, obrigou-o a puxar para cima a gola do sobretudo. As pessoas na rua sorriam. “Me pergunto sempre se esta é sua natureza, a simpatia, ou o fazem por puro fingimento,

para parecer mais agradáveis.”

Comemorou, minutos depois ao chegar ao trabalho, duas quadras adiante, ao verificar a sua agenda para o dia e perceber que poderia ficar o dia inteiro no trabalho, sem nenhuma atividade externa. Tudo que restava era concluir a elaboração de alguns relatórios de trabalhos técnicos e uns poucos telefonemas e partir.

Olhou para a sala, sem cor e para a rua, que se podia vislumbrar pela janela translúcida e por sobre o baixo muro que cercava o lugar. Decidiu-se por revolucionar, quebrando os protocolos da empresa. Virou a posição da mesa, tornando possível vislumbrar a calmaria costumeira da rua. Precisava de outras vistas, outros rumos.

Talvez a penumbra do dia tenha agravado a sua solidão. Enquanto contemplava a rua e pensava em sua solidão e o quanto já estava longe dos seus, um forte calafrio lhe percorreu o corpo inteiro, mas uma vez a sensação esquisita de que algo aconteceria naquele dia.

E nos segundos que se seguiram, ouviu um barulho de freada de carro, uma forte pancada seguida de um estridente grito.

De onde estava, não podia discernir o que passara. O certo é que um carro freou bruscamente em frente ao escritório, mas um pouco mais adiante, o que o impossibilitava de ver com detalhes. O barulho sugeria claramente um atropelamento, talvez um animal, já que era muito comum na cidade a presença de vários animais soltos pela rua.

Saiu de si. Não poderia explicar, mas algo o fez mover-se e quando se deu conta ele já estava na porta de entrada do prédio. De fato ocorrera um atropelamento, mas não se podia ver a vítima ou mesmo o motorista e o carro, visto que, costume da cidade, quando acontecia qualquer acidente a população imediatamente cercava a vítima, e até já ocorrera de morrer por sufocamento e não do atropelamento.

Havia muita gritaria já na rua quando chegou e um amontoado de gente ao redor da vítima que mal se permitia ver.

- Como você pode? - Gritava alguém com o motorista, era o que se podia discernir da gritaria.

- Como é que pode um motorista irresponsável desses? - Dizia alguém na multidão. — Deve ter comprado a carta.

- Vai aprender a dirigir primeiro. — Dizia outro.

- Mas hoje estava ruim mesmo. É culpa é do pedestre que vai atravessar e não olha se vem carro. - Dizia outro, tentando justificar.

Menos de cinco minutos foram suficientes para que a multidão começasse a se dispersar. Imagina-se que cada um para cuidar de seus afazeres.

O que transparecia de triste nisso tudo é que a ninguém lhes preocupava muito a vítima. Pelo que se escutava, só se entendiam que uns queriam culpar o motorista, enquanto outros, a vítima, mas a nenhum lhes preocupou em correr em socorro da pobre vítima, que afinal de contas, era quem mais estava a sofrer com o atropelamento. Sequer lhe verificaram o pulso ou chamaram ambulância.

Dispersada a multidão é que foi possível ver a uns poucos metros de onde estava o carro do atropelador parado, uma jovem senhora, que a contar pelas feições, não deveria contar mais que uns 16 ou 17 anos de idade, muito bem vestida. Destacava-se, contudo de sua frente direita um estreito filete de sangue, que escorria devagar, mas continuamente obedecendo a lei da gravidade, e que a esta altura já estava a formar uma pequena poça no chão abaixo.

Munido de uma coragem, que até então desconhecia, talvez a mesma que o fizera correr de sua mesa para a rua, Augusto apressou-se em prestar os primeiros socorros à jovem vítima, embora pouco entendesse do assunto, o único contato que tinha com a área fora um curso feito ainda na adolescência, quando ingressara na carreira universitária.

Seus ouvidos cerraram-se inclusive para os chamados da recepcionista do escritório, que estava a chamá-lo:

- Doutor Augusto! Doutor Augusto! Telefone para o senhor! - Gritava a secretária sem qualquer sinal de que se fazia ouvir, em meio a confusão.

Atravessou a rua e lançou-se carinhosamente sobre a jovem, tomando-a nos braços como se fora alguém de sua família. A gente que ainda estava a observar julgava que talvez fosse sua irmã, talvez ou amante, ou mesmo uma filha, pelo carinho e preocupação com que a tratou.

Apressou-se em buscar-lhe o pulso, enquanto as pessoas que ainda estava ali, permaneciam como antes, estáticas, apenas observando os

acontecimentos.

- Deixe aí! Ela já está morta. - Ouviu alguém dizer.

- Ainda está com vida! - Gritou.

Seu pulso, embora muito fracamente se podia sentir.

- Alguém tem um carro aí? Precisamos levá-la ao hospital com urgência! - Gritou na tentativa de despertar alguém do transe para a percepção de que se tratava de um fato real e não de cena de tevê.

Seu grito, por fim parece ter acordado a umas duas outras pessoas que vieram dispostos a ajudá-lo. Surgiu um motorista que estava disposto a arriscar manchar de sangue os bancos do carro para socorrer a vítima. O atropelador estava em transe, não conseguia se mover, nem parar de chorar.

Por todo o restante daquele dia, Augusto esqueceu-se por completo dos seus outros afazeres, não poderia imaginar algo que pudesse valer mais que ajudar a salvar uma vida. Atendida a moça no hospital do lugar, esperou até que a mesma retomasse a consciência e fosse liberada. Fez questão de chamar um táxi para levá-la até em casa.

Após a despedida, invadiu-o tal sentimento de utilidade para o mundo e felicidade, que lhe foi necessário externá-lo. Sentiu ânsias de gritar, mas pelos seus pudores morais naturais não o fez. Enquanto caminhava pela rua rumo a sua casa, deixou escorrer algumas discretas lágrimas pelo seu rosto, penteando e acarinhado a barba por fazer, somada a um largo sorriso de satisfação.

Sentiu-se pela primeira vez como a gente do lugar, com vontade de sorrir para todos. Desde que chegara aquela cidade era a primeira vez que não se sentira sozinho no mundo.

Passados vários dias, quando até já se esquecera do ocorrido, embora não conseguisse esquecer a expressão do rosto, nem o olhar. No escritório encerrando os trabalhos para sair para um almoço de sexta-feira, dia em que costumeiramente saía um pouco mais cedo para viajar, recebe um aviso, vindo da recepção do escritório, de que alguém o buscava:

- Doutor Augusto tem uma pessoa lhe esperando aqui na recepção.

- Disse-me a recepcionista, consciente de que a hora do almoço já chegara. - O senhor ainda vai demorar?

- De quem se trata Fernanda? - Disse-lhe por minha parte. - Peça para

que entre que atendo, mas a mais ninguém, por favor.

- Um minuto só doutor? - Me pediu a secretária, para em seguida me dizer: - A pessoa prefere esperá-lo aqui mesmo, pois não se trata de assunto profissional.

Apressou-se a terminar o que estava fazendo para descobrir quem o esperava. Por sua parte a recepcionista, que também teria que sair para a hora do almoço, se perguntava em seus pensamentos: “Quem será essa mulher tão bonita? Será que é namorada do doutor Augusto? Ele nunca fala nada. É sempre tão na dele.”

Percebia-se da parte da moça, uma certa ansiedade em encontrá-lo, sempre mexendo na bolsa, olhando a hora, como quem está nervosa a espera de algo muito importante. Não demorou, contudo e ele apareceu.

Minutos de silêncio se seguiram a sua chegada. Ela também não o pode esquecer, mas demorou a descobrir como encontrá-lo.

---

# José - O Filho de Jacó

Em terras outrora mui distantes, numa região de vasto deserto chamada de Canaã, vivia uma família, um pai com suas esposas e seus doze filhos, mas não eram filhos quaisquer, pois cada um dominava uma habilidade e fortaleza, que eram capazes de torná-los a família mais poderosa de todas se pudessem trabalhar juntos.

Além deles alguns poucos escravos e dois ou três agregados, que outrora haviam sido escravos, mas foram deixando de ser tratados como tal, pelo carinho devotado da família e acabaram por serem somados aos seus.

Mas como se sabe em família sempre há muita disputa, ciúmes de pais pelos filhos e dos filhos em relação uns aos outros e em relação aos pais. Quanto maior é a família tanto maior será também a disputa entre os filhos pela atenção dos pais. Mesmo sem que os pais percebam que o fazem ou que de fato tenham predileção por algum dos filhos, sempre haverá um que será visto pelos demais como sendo o queridinho da família.

É assim na minha família e provavelmente deve ser assim na sua também. No caso desta família o preferido se chamava José, ele era o décimo primeiro dos doze, o que mais estranhava aos irmãos é que não era o mais novo, e também não era o mais velho, o que por direito deveria ser o herdeiro principal. “Se tratava de um qualquer” para os irmãos, principalmente porque ele era o primeiro filho da segunda mulher do pai.

O José tinha manias de muita grandeza e culpavam ao pai pela predileção dirigida ao rapaz, que tinha roupas especiais para as festas, tecidas

manualmente especialmente para esse fim. Imaginem que o dia o tal José contou-lhes um sonho:

- Olá irmãos! Tenho que lhes contar um sonho que tive. Será que não seria uma premonição? Acreditem que no sonho nós estamos trabalhando recolhendo madeira para a fogueira e de juntados os feixes todos no chão, de repente surge um clarão e todos nós abaixamos, de repente o meu feixe se levanta e vai para o meio do círculo, enquanto todos os outros o reverenciavam se curvando ao chão.

Os irmãos ficaram indignados com esta estória de sonho do rapaz.

- Você não tem vergonha José? Você quer ser nosso rei? Quer ser maior que nós e humilhar seus irmãos? Nós somos e sempre seremos livres.

- Falou Ruben, um dos irmãos mais velhos.

Planejaram matá-lo, mas não tinham coragem de derramar o sangue do seu próprio irmão, pois isto era um crime muito grave aos olhos de todos e era merecedor dos piores castigos aos olhos de Deus.

As terras de Canaã eram uma importante passagem de muitas rotas de comerciantes que vinham ou iam para a Índia, para o Egito, ou mesmo para a Itália e Espanha, que ainda não se chamava Espanha. E enquanto os irmãos discutiam que tipo de peça pregariam no garoto, para que ele nunca mais viesse com tal tipo de proposta que tivesse como objetivo humilhá-los publicamente vinham passando duas dessas comitivas, uma delas ia para o Egito e outra tinha como destino a Península Ibérica. Resolveram-se, pois a leiloá-lo.

Chamaram o garoto e com as correias que serviam para amarrar os animais mais valentes na hora da tosquia ataram suas mãos e amordaçaram a boca do rapaz para que seus gritos não se fizessem ouvir pelo pai e viesse em seu socorro.

À aproximação das comitivas, um dos irmãos foi ao encontro e convidou-os para participar do leilão de um dos escravos da família em troca de alguns objetos para presentear-los ao pai para que pudessem fazer uma celebração:

Dizia um dos irmãos a comitiva:

- Ilustres senhores boas tardes. Sejam bem vindos a nossa amada terra

de Canaã, esperamos poder fazer excelentes negócios com os senhores. Imaginem que o nosso velho pai, muito cansado e sem forças de dar lições aos escravos pediram que oferecêssemos em negócio vantajoso para os senhores, um jovem escravo de muita força, inteligência e habilidade, mas um pouco revoltado e dado a caprichos, e por ele não poder mais corrigi-lo pela idade preferiu desfazer-se dele. Gostaria de convidá-los a conhecer o escravo e apresentar o vosso preço para a mercadoria. Em troca aceitamos especiarias e tecidos vindos do oriente ou produtos maravilhosos vindos do mundo do Ocidente.

- Vejamos pois o escravo. - Foi tudo o que o líder da comitiva. - Se for um bom negócio para nós o levaremos para o Egito.

Não muito distante dali, na rota utilizada por outros comerciantes estava, outro irmão que semelhante ao primeiro oferecia a venda o próprio irmão como escravo, e recebeu como resposta:

- Ora pois, vamos a ver este escravo e se nos agrada o levamos a Ibéria.

- Disse o líder da comitiva que tinha como destino o Oeste europeu.

Em pouco tempo estavam os dois grupos a observar o escravo, a ver se tinha dentes, se as mãos e pernas eram inteiros, se era possuidor de algum defeito desmerecedor de qualquer negociação. Curiosamente os dois grupos gostaram do escravo e se puseram a discutir quem teria o direito de levá-lo para sua terra.

- Ele tem que ir para o Egito, pois é a nação mais próspera e rica e, portanto podemos pagar muito mais pelo escravo. - Dizia por seu lado o egípcio.

- Não! não, certamente que estais errado gajo, quem melhor preço e negócio pode oferecer por este escravo certamente somos nós. - Dizia o lusitano para convencer os vendedores.

- Apresentem, pois os seus preços senhores e podemos negociar.

- Lhes trazemos os melhores tapetes e incensos e até mirra para vossos mortos. - Disse o egípcio.

- Aqui tenho muito bacalhau, que é um peixe muito saudável e devidamente tratado para garantir a saúde, trago também sementes e óleo de oliva, que é o azeite mais saudável que existe. Ofereço instrumentos para vossa

festa e a musica do fado.

Os irmãos que eram pastores e agricultores, mas também gostavam muito de se divertir, se separaram por um curto espaço de tempo e com pouco regressaram com a decisão rapidamente comunicada:

- Ilustres, analisando vossas propostas cuidadosamente e tendo em vista o maior interesse em melhorar a nossa terra fazendo o negócio mais favorável para ambos é para os europeus que venderemos nosso escravo, pois deles nos veio a melhor proposta.

Os egípcios muito zangados partiram para sua terra, desfazendo-se das qualidades do escravo. Os lusitanos por sua vez pagaram a conta e seguiram viagem com o escravo.

Graças a este rendoso negócio até hoje pelas terras que antigamente pertenciam a Canaã é possível encontrar muitas oliveiras, sendo que no passado a região foi uma das grandes produtoras de azeite, que prestou seu serviço não somente a alimentação, mas também a unção de sacerdotes, profetas e reis.

O velho pai Jacó ficou mortalmente triste pela perda de seu filho e só conseguiu recuperar-se vendo o crescimento de seu filho mais novo, que passou a ser seu mais precioso tesouro, e com os ganhos da produção de azeite iniciada tempos depois, que lhe renderam sustento por mil gerações, garantindo a sobrevivência da família que logo se fez um grande povo.

Os lusitanos receberam um escravo sábio que foi comprado da caravana para servir em um palácio real, ali disseminou muitas ideias de sabedoria para os reis e rainhas, como a orientação pelas estrelas e o cálculo das horas do dia. Algumas delas só vieram a fazer sucesso séculos depois, quando suas anotações foram encontradas por um curioso bibliotecário da corte, como a substituição das rotas terrestres por rotas marítimas para encurtar os tempos e reduzir os inimigos pelo caminho.

Pouquíssimos anos depois os egípcios sofreram uma grande estiagem que se prolongou por sete anos, na qual muitos homens e mulheres sucumbiram. Salvou-se, contudo Jacó, com suas mulheres, filhos e escravos nas terras de Canaã, graças ao azeite que lhes garantira o pão e o sustento a todos.

---

# O Pôr do sol

Estava ainda o dia por amanhecer e ele agora que saia do trabalho. Um barzinho que localizado na entrada da cidade de Andradina do Sul era considerado por toda a galera jovem e baladeira o principal point para balada e para o período pós balada, assim que era o último reduto da diversão a ser fechado na noite da cidade e, por isso mesmo, a patota baladeira da cidade encontrava ali seu refúgio nas madrugadas de sábado, domingo e segunda principalmente, quando a casa fazia eventos especiais, mas nos dias restantes da semana seguia-se o programa normal, que era o funcionamento das dezenove horas da noite até as cinco da manhã. No verão, quando a animação da galera estava em alta se prolongava até as sete da manhã.

Joel vira para aquela cidade em busca de bom trabalho e diversão, e se pudesse juntar os dois, melhor, mas sentia muito desejo de continuar seus estudos, frequentar uma Universidade, ser contador, mas por hora não dava, era assim que sua vida seguia e teria que ser assim ainda um pouco mais. Por que a noite? Sempre gostou da noite e com alegria aguardava o por do sol, para encontrar-se finalmente com seu mundo, a noite.

Adorava, ao contrário da maioria das pessoas, entrar no trabalho a noite e sair dele ao amanhecer, e neste dia não era diferente, cansado, porém satisfeito, sempre se podia conhecer pessoas novas, fazer novos amigos, e ao acaso até conquistar uma garota, mas enfim, era sozinho que sempre voltava pra casa.

Neste retorno sempre se deparava com situações inusitadas,

encontrava sempre o padeiro na primeira viagem, vez por outra casais que prolongaram a noite na rua fazendo amor em plena calçada. Mas neste dia foi especial, na escuridão de uma rua mais estreita pela qual sempre tinha que passar para garantir o caminho no pequeno quitinete em que morava mais perto, enquanto tateava no escuro encontrou uma mão, não era uma mão qualquer, já tocara muitas, mas pela primeira vez na vida sentiu emoção em tocar aquela mão, era uma mão macia e delicada, feminina. A mão apertou a sua no encontro, ele não conseguiu não corresponder, era como se algo o impelisse para ela.

Tentou ver o rosto, mas a escuridão não permitia ver nada, tocou-lhe os cabelos, eram longos, abaixo do ombro, quase na cintura, seus rostos se atraíram como um imã, e um beijo leve acabou acontecendo, os lábios se tocaram carinhosamente para em seguida se afastarem, tentou alcançar-lhe qualquer parte do corpo, mas nada conseguiu tocar, a não ser o vazio. Escutou uma voz fina que disse:

- Sinto, mas preciso partir, me veja no por do sol.

Tentou segurar-lhe a mão, mas se desvencilhou. Os raios de sol já iriam alcançar a rua dentro de pouco tempo, e quando isso ocorreu ele estava sozinho, procurou algum sinal de quem poderia ter estado há pouco tempo com ele. Tocou a parede do muro, tateou o vazio, buscou seu cheiro, mas simplesmente não havia mais qualquer sinal. Pensou “teria sido um sonho, um delírio pelo cansaço e o desejo de descobrir o amor?”

Durante o dia, embora tentasse não lhe foi possível descansar, só buscava uma explicação para o mistério daquela mão pela qual acabara de se apaixonar perdidamente e não podia ter qualquer tipo de explicação para essa situação tão nova em sua vida. Imaginou mil e uma teorias a respeito da garota, sobre sua pele macia, seu beijo: poderia ser alguém que conhecia, mas tinha medo de declarar-se para ele, ou alguma cliente do bar? Talvez fosse alguma mulher carente, mas feia que se esgueirava pelos becos para aproveitar-se dos rapazes? Poderia ser também algum vizinha, já que estava bem perto de sua casa, seria uma vizinha feia, que não queria ser vista, só poderia ser, mas seria capaz de reconhecer a voz se a ouvisse novamente.

Passou o dia inteiro tentando dormir, rolando na cama de um lado para outro, mas sem êxito, a ideia não lhe saía da cabeça, o dia precisava passar

rápido, nunca esperara tanto por um pôr do sol, nunca com tanta ansiedade. Só podia estar apaixonado.

- Mas por quem meu Deus estaria apaixonado? Tanta mulher bonita nesse mundo e eu invento de me apaixonar, justamente por uma pessoa de quem sequer vi o rosto? - Acabou falando alto enquanto esfregava os olhos levantando-se mais uma vez para tomar água e ir ao banheiro, coisa que fizera já umas trezentas vezes para disfarçar a ansiedade em que se encontrava.

O dia correu lento como nunca dantes ocorrera. Tudo tentou para imaginar como fazer passá-lo mais rápido. Com certeza chegaria muito cansado ao trabalho no início da noite, já que não conseguira descansar do trabalho da noite anterior, vitimado pelos próprios pensamentos na mulher amada que desconhecia.

Por volta das dezesseis horas, já cansado de tentar dormir e, sabendo que de agora em diante, já nem valeria muito se sucedesse, tomou um banho, vestiu-se e saiu para uma caminhada. Estava decidido, veria o pôr do sol hoje de uma maneira especial. A mulher estaria em algum lugar no horário do pôr do sol e aí sim ele poderia vê-la.

Saiu para uma caminhada. Tentou fazer isso lentamente, mas de repente começou a sentir uma fadiga, muito própria de quem não tinha dormido a noite e nem durante todo o dia, sentia seus ombros pesando, as pernas doloridas, mas exigindo mais força que a que estava imprimindo no momento.

- Estou acabado, eu não posso sentir sono na noite, afinal está em jogo o meu sustento e minha vida nesta cidade. — Disse com seus próprios botões enquanto apertava o passo e começava a correr para exigir mais de si e naturalmente espantar o sono.

A todo instante dirigia o seu olhar para a rua a procura de mulheres, já que uma delas possivelmente poderia ser a sua musa da noite anterior. O tempo foi passando e o horário do pôr do sol se aproximando mais e mais. Dirigiu-se a rua estreita da noite anterior. No sentido contrário vinham duas garotas conversando muito e rindo. “Qual seria?” se perguntou em seus pensamentos. Diminuiu o passo enquanto se aproximava das jovens, primeiro para tentar ouvir o que conversavam. “falariam sobre ele? Não poderia saber

se não ouvisse”.

Começou a suar frio ante a possibilidade de que fosse uma daquelas que vinham à sua frente. O caminho transcorreu em câmera lenta para ele, uma eternidade até que se aproximaram o suficiente para que as olhasse nos olhos, suando frio e com as mãos trêmulas.

De início achava que a voz era parecida com a de sua amada, mas com a aproximação começou a pensar que a daquela da noite era a mais suave e agradável que já ouvira na vida. Por fim, as garotas passaram por ele como se não o tivessem visto e até mesmo riram dele, por achá-lo um pouco louco. Um homem encarando duas mulheres na rua junto aos últimos raios de sol é encarado como perigo por muitas pessoas. E se o tivessem ouvido falando sozinho poucos segundos depois que passaram, certamente elas teriam certeza da insanidade do rapaz.

- Será que era uma delas e por isso estão rindo, mas brincando com a minha cara? - Pensava ele em voz alta, como conversando sozinho.

Tentava recordar o cheiro da desconhecida, mas não o conseguia reconhecer ou em suas memórias ou no perfume das garotas que a pouco passaram exalando seus perfumes. Mais adiante percebeu que havia uma mulher, que pela distância e a julgar pelas roupas que trajava já deveria ter algo em torno dos quarenta anos de idade. Apressou-se para poder acompanhá-la, logrando êxito quando a mesma já adentrava em sua casa, impossibilitando-o de vê-la, mas apenas sentiu um perfume, agora sim muito semelhante aquele outro da noite anterior. Estava a enlouquecer-se com isso tudo. Precisava descobrir quem seria sua amada.

- Seria portadora de alguma doença incurável ou que tornava a sua aparência totalmente desagradável a qualquer um que a visse na luz do dia? - Falou mais uma vez em voz alta, com seus próprios botões e cordões que ajudavam a fechar-lhe a roupa.

Resolveu guardar mais uma vez o cheiro da mulher que acabara de fugir, entrando em casa, se ela aparecesse de novo a reconheceria. “Mas como podia ser velha, mas com uma mão tão macia, com lábios tão carnudos e leves como os que tivera o prazer de tocar a noite passada?” A sua hora já se aproximava, restava-lhe pouco tempo, apenas o suficiente para tomar um banho, fazer a barba e correr para o trabalho.

Mal trabalhou direito, imaginando que a misteriosa estaria ali, observando-o enquanto trabalhava, e com a madrugada se achegando, o cansaço apossou-se mais e mais de seu corpo, dificultando muito mais o seu trabalho.

No meio da noite enquanto a casa estava muito lotada e passava com umas cervejas para servir a uma mesa, sentiu um leve toque em suas mãos, seguido da voz, que embora tendo ouvido uma única vez, já lhe era muito familiar, e inesquecível.

- Te esperei no por do sol! - Dizia aquela mesma voz suave da noite anterior. - Nos vemos mais tarde, antes do sol nascer?

Realmente só podia ser ela. Perdeu totalmente a concentração dali em diante, trombou com alguns clientes, mas por mais que tentasse não podia reconhecer a origem da voz que tanto adorara ouvir ao pé do ouvido.

Como restassem poucos clientes a ir embora e o serviço estivesse praticamente todo feito e vendo o patrão sua indisposição para continuar por ali, liberou-o um pouco mais cedo para ir para casa.

- Ô Barroso! - Era assim que o patrão o chamava, pelo sobrenome. Preferia tratar assim todos os funcionários da casa. Vício herdado dos tempos de serviço ao exército. - Você está mal em rapaz, não vá ficar sem descansar senão você não aguenta o trabalho por aqui.

- Tá certo chefia. - Respondeu-lhe, enquanto limpava a última mesa, restando apenas uma em que estavam os últimos clientes da noite. - vou me cuidar mais.

- Vá para casa, que não quero funcionário meu passando mal aqui dentro não. - Continuou o chefe. - Depois é capaz de falarem por aí que eu trato mal meu pessoal.

- Ô chefia, valeu! Muito obrigado, eu tô quebrado mesmo hoje. — Respondeu.

- Só não vá se acostumar. - Disse o chefe dando um leve tapa nas suas costas, mandando que fosse logo.

Em pouco tempo já se achava na rua para transpor as dez quadras que separavam o trabalho de casa, até poderia pegar transporte público, mas este ainda demoraria muito a passar e não queria gastar, por isso sempre ia a pé para casa. Hoje tinha um motivo a mais, poderia encontrar a sua amada

misteriosa.

Caminhou, cuidando de cada passo, esperando encontrar com aquela mão e, talvez quem sabe, aqueles lábios, que o fizera apaixonar-se tão perdidamente em tão pouco tempo. Parecia que não aconteceria nada aquele dia, mas quando estava para chegar ao final da rua estreita, primeira escuta passos que pareciam aproximar-se de si.

Temeu por si, não mais que tremeu o corpo inteiro pela possibilidade de encontrar a amada. O frio que se fazia sentir por fora de seu agasalho certamente não era maior que o frio que sentia em sua barriga. Os calafrios lhe tomavam o corpo e tremia qual vara verde.

Por fim, sentiu o perfume, impossível que não fosse o perfume da mulher da noite anterior, um perfume doce e agradável, certamente único no mundo. De fato se parecia ao perfume que sentira também mais cedo. “mas seria aquela mulher? Teria por isso se ocultado na casa antes que a alcançasse?”

Não tinha essa resposta, mas daria um jeito de descobri-la brevemente. Logo sentiu mais próximo o cheiro e em pouco o toque macio da mão se fez sentir. Apertou-a para não mais perdê-la, não tinha ganas de deixar que partisse, sem revelar-lhe quem era e o que queria.

- Quem é você? - Questionou-a. - O que quer de mim? Porque não me mostra o seu rosto e se esconde na penumbra da noite?

A reação da outra pessoa, não foi mais que tocar-lhe com dois dedos os seus lábios, sinalizando para que fizesse silêncio. Aproximou-se para sentir lhe mais próximo o cheiro, e continuou:

- O que você quer de mim? Diga-me quem é você? - insistiu, mas sem resposta.

Os lábios novamente se aproximaram e esqueceu-se de todas as suas dúvidas e medos, desta vez, o beijo durou o suficiente para que sentisse a textura dos lábios da amada. Ela por sua parte afastou o corpo, mas ele acercou-se até que não era mais possível que ela se afastasse, encostada ao muro lateral da rua.

Finalmente pode sentir seu corpo, sua pele era toda macia, não somente a mão. Beijaram-se e deram-se carinho por tanto tempo, que se esqueceram dos raios de sol, que aos poucos penetraram a rua e se fizeram

descobrir quem eram. Não era velha, tampouco doente, pelo contrário, era bem jovem e de aparência magnífica. Pensou ao vê-la o rosto quando os raios de sol começavam a clareá-lo, “É um anjo.” E de fato era e viera para cuidar de sua solidão do por do sol ao amanhecer.

---

# O Velho do Saco

Não passava de um menino pequeno e uma das coisas que mais metiam medo em todos os garotos e garotas da minha vila, era certamente o velho do saco. Não havia criança, adulto ou idoso que não conhecesse tal história e não havia uma pessoa que não repetisse essa história a qualquer sinal de que uma criança tinha intenção de aprontar alguma.

Segundo nos contava uma tia solteirona e sem filhos, que morava na casa do avô, o velho do saco passava de vez em quando, embora nós nunca o tivéssemos visto, não havia porque duvidar da estória contada por ela com tanta fé e certeza de sua verossimilhança; sua principal função era recolher os meninos e meninas que não se comportavam direito e levá-los para um lugar terrível, com o qual sempre éramos ameaçados sempre que não nos comportávamos bem: o Santo Antônio do Buraco.

Não sei ao certo se um e outro existiam, mas eram a causa do terror de todas as crianças. Era inventarmos alguma brincadeira que pusesse em risco nossa integridade e já vinham os avisos e cuidados:

- Olha o velho do saco menino! Que ele vem e te carrega.

- Isso lá existia tia. - Dizíamos nós e continuávamos na nossa algazarra.

Numa destas feitas em que estávamos a brincar, em um domingo de sol, em que os pais e avós, e até mesmo a tia Conceição, a tia chata, tinham ido para a feira, assim que ficaram somente as crianças em casa e brincávamos de pique esconde com os irmãos e os primos. Eu era o responsável pela contagem do

tempo em que deveriam os outros encontrar um esconderijo adequado, para somente depois poder sair a procura de encontrar um a um dos outros.

Enquanto contava, creio que não mais que o número quinze, já que em minha infância me limitava a contar, naquela tenra idade ao número trinta; surge ao longe na estrada de terra que vinha de um dos lados da casa para depois passar pela frente da casa, e eu estava justamente na esquina da casa, onde me era fácil ver a estrada. Ao longe na estrada surge um velhote barbudo e corcunda, que andava com bastante dificuldade, o olho esquerdo esbugalhado, saltado da córnea, fazia-me recordar um personagem de uma das histórias que me eram contadas por mamãe: a do Corcunda de Notre Dame.

Entrei em pânico imediatamente. O que se agravou em pouco tempo, logo que ele se aproximou mais um pouco e percebi que o que tornava a caminhada do velho difícil era o que carregava nas costas:

- O Velho do Saco! O Velho do Saco! - Gritei eu para os outros.

Certos de que se tratavam de um artifício qualquer para que saíssem de seus esconderijos e eu os encontrasse e ganhasse o jogo, sem fazer qualquer esforço ninguém apareceu. Ficamos eu e o velho, frente a frente.

Correria se minhas pernas tivessem deixado. Sentia um tremor sem limites, pior que qualquer terremoto a percorrer-me a espinha dorsal, apossarem-se de minhas pernas, braços e até mesmo da língua, pois depois do primeiro grito minhas outras tentativas não foram possíveis de se ouvir a não ser em meu cérebro, posto que nenhuma palavra saiu.

Aos poucos senti um fino fio de líquido escorrer-me pelas canelas bambas, ensopando-me as calças curtas, e chegando até os pés. O medo já tomara conta de mim. A esta altura o homem já estava diante de mim e não havia mais nada a fazer a não ser rezar e pedir a Deus para não ser levado pelo velho do saco.

Olhei o saco e vi que se mexia. Tive a certeza instantânea: “É uma criança que o velho já está levando embora. Quem será?” pensei eu. Aos poucos, se podia ouvir do saco uns grunhidos que só fizeram o meu pavor aumentar.

O velho se aproximou e me dirigiu a palavra.

- Bons dias rapazinho! - Disse o velho com uma voz rouca, que me

fazia pensar na voz que o avô usava para fazer a voz dos monstros quando contava histórias de assombração. - A sua mãe tá em casa?

- Na.. Nã... Não - Disse eu gaguejando.

- Pois o rapazinho poderia me arrumar uns caroços d'água?

- Vo... vou pe..pe...pegar. - Não queria, mas não podia fazer outra coisa a não ser obedecer para não ser levado embora, como a pobre vítima que já estava no saco.

Demorei bastante a voltar com a água para o velho. Primeiro porque acreditava que ele poderia cansar de ir embora, segundo porque duas vezes derrubei o caneco, uma dentro do pote da água, o que me obrigou a ir buscar outro, e outra vez no chão, por causa do meu medo. Por fim, levei, pedindo a Deus para que o velho já tivesse ido embora contente em levar apenas uma criança. Para meu desgosto, ele ainda estava lá. Tinha encostado o saco no chão, este se mexia e de vez em quando se ouviam grunhidos.

- Tá tá aqui su.. su... sua á-gua. - Lhe disse me tremendo todo, o que era fácil de perceber para o velho por que não era difícil ver o copo se mexendo em minha pequena mão.

O velho, por sua parte, pegou o caneco e virou-o, tomando todo o conteúdo de um gole só, dizendo em seguida alguma coisa que eu não podia entender, portanto, acreditei imediatamente que se tratava de alguma palavra mágica do velho do saco antes de carregar uma criança. A seguir o velho continuou:

- Mas é um menininho tão lindo. — Deve ter falado para si mesmo, pois olhava um ponto qualquer no espaço onde não havia nada. E olhando para mim: - Posso levar você pra mim, posso nenenzinho?

Eu só sacudi minha cabeça negativamente, enquanto sentia fluir mais uma vez no calção e escorrendo pela perna o líquido quente da urina, causada pelo pavor em que me encontrava.

Por fim, o homem examinou os bolsos, depois pegou o saco, como se procurasse alguma coisa perdida, o que para mim era a preparação para o meu próprio ensacamento. Catou um cordãozinho no saco, e de um dos bolsos do casaco surrado sacou um objeto que me estendeu:

- Você gosta de brincar nenenzinho?

Eu persisti no único gesto que conseguia fazer, balançar a cabeça. Enquanto isso, o velho com um objeto estranho na mão e um cordão. “seria para me amarrar dentro do saco?”

Diante de minha negativa o velho pegou o objeto e enrolou-o da ponta, que era muito fina para a parte mais grossa, com o cordão e de repente lançou-o no chão. O objeto disparou a girar, enquanto eu olhava para aquela mágica, como se fora a coisa mais bela do mundo.

- Um pião! - Disse o velhote. — Você quer pra você?

Eu balancei a cabeça, desta vez, não mais negativamente, mas pela primeira vez positivamente para o velhote. Este, percebendo a minha situação de medo me estendeu o objeto e como não estendesse a minha mão por medo de ser pego por ele e ensacado, deixou o brinquedo bem perto de mim na calçada da varanda da casa.

Cheio de coragem, adquirida após presenciar o aparente ato de bondade do velhote, perguntei-lhe:

- O senhor não é o velho do saco é?

Ele caiu na gargalhada e depois de um bom tempo de uma risada assustadora, é que me respondeu:

- Não pequeno eu não sou o velho do saco, embora seja velho e esteja carregando um saco, não sou o famoso velho que carrega as crianças que não se comportam bem. - Disse o velho com a cara mais sorridente que já vira no mundo.

- Mas o que o senhor está carregando neste saco aí? - Disse eu apontando o saco um pouco adiante, mas perto do velho. - Vai bem dizer que o que está aí dentro não é uma criança?

- Não nenenzinho! Venha cá, deixe eu lhe mostrar. - Disse o velho, desamarrando o saco, para mostrar-me o conteúdo. Embora parecesse confiável, aproximei-me cheio de cuidados e pronto para correr caso o velho quisesse me adicionar ao conteúdo do saco. - O que trago aqui é um porco novinho, que vou levando para criar, pode olhar.

Quando ele abriu eu pude conferir que de fato se tratava de um porco e não de uma criança. Afinal, o Velho do Saco não era tão perigoso assim.

---

# A Feira

Meio dia em ponto. O sol a pino no céu e ela tentava fugir do calor. Carregada de sacolas já nem podia suportar o peso das compras e nem o calor. Talvez tenha escolhido uma péssima roupa para usar naquele dia, ou talvez nem devesse ter saído de casa aquele dia para ir à Feira.

Havia muita gente na rua, como se sabe que é toda feira. Há sempre muita gente, muita mercadoria e a principal característica da feira que são as pessoas gritando para um lado e para o outro anunciando os produtos.

- Olha a berinjela minha senhora! Essa aqui é da boa, é a melhor da região, a senhora compra e come por até uma semana de tão boa. - Dizia um vendedor aos gritos, enquanto ela passava.

- Compra essa galinha aqui senhora, que só a foto já pesa dez quilos, imagine a galinha mesmo. - Dizia outro apontando um cartaz onde tinha uma galinha ao lado de umas caixas em que o objeto da venda estava aprisionado.

- Essas galinhas aqui minha senhora e meu senhor chegam a pesar até quinze quilos, pode confiar. A carne é macia e suculenta. É satisfação garantida, e se não gostar, pode trazer a galinha viva aqui que a gente troca.

Enquanto isso se ouvia na dita banca das galinhas uma senhora já de idade que reclamava:

- Você é muito é do laráprio rapaz! Você não tem vergonha não? Essas galinhas velhas não cozinham de jeito nenhum. Gastei foi um botijão de gás e a carne não amoleceu de jeito nenhum. Botei até no fogão de lenha e nada, a carne parece que quanto mais cozinha mais fica dura.

O vendedor por sua parte, ainda tirou brincadeira com a freguesa:

- É que a galinha cozinha igual que ovo senhora! Tá me entendendo.

- E saiu a mulher sem entender a gritar palavrões, avisando que ia chamar a policia, que isso não podia ficar assim.

Em outro lado estavam as bancas de roupa, mas ela evitava passar por lá. Primeiro porque sempre imaginava que estava acima do peso, depois porque não queria gastar dinheiro, e ainda podia suceder uma tragédia enquanto estivesse comprando, aparecer uma amiga. “Se as amigas pensassem que estou comprando roupa na feira, é o fim da minha vida, não sou nem pobre.”

Era, portanto carregada de preconceitos. Via-se um negro já desviava. E se fosse uma mulher negra com uma criança, olhava até para o outro lado. O marido vivia reprovando esse tipo de atitude da sua parte.

- Como pode uma mulher tão inteligente ser tão mesquinha e preconceituosa? - Era o que ele falava sempre que a flagrava em alguma dessas atitudes altamente desmoralizantes para qualquer ser humano, a humilhação.

- Mas eu sou branca, católica, filha de Deus. - Era o que dizia a mulher.

- Você já viu Jesus lá na Igreja? Ele é todo branquinho, assim que nem eu, e negro nenhum presta.

Era o que dizia a mulher. E o homem bufava de raiva, principalmente, porque embora ele tivesse pele clara, era filho de uma mulher negra e, até tinha sentido vergonha da mãe na adolescência, mas depois passou a ter muito orgulho, pois ela batalhou sozinha para criar os sete filhos quando o pai os abandonou.

Pois se sabe já que a feira é um lugar de muito calor, de muita gente se encontrando, fazendo negócios, carregando as mercadorias, roubando também, mas também tem muita gente boa fazendo boa ação. Na verdade na cidade em que viva Esmeralda, era o que mais tinha, gente boa na feira. Apenas com um defeito para ela, a maioria eram negros.

Ela ia sempre para a feira, mas ia obrigada, porque precisava comprar os víveres para a casa. Por insistência do marido, e não dela, não tinham empregada, muito menos empregados, embora ela os quisesse, para humilhá-los e também para mandá-los a fazer as tarefas que considerava mais insalubres e desgastantes. Na feira fazia beijo se via um negro, e fazia muito.

Precisava comprar feijão. Viu que naquele dia, tinha uns vendedores de feijão novos que nunca tinha visto, e para sua sorte eram- branquinhos como ela, pensou: “Que sorte a minha, não vou dar lucro pros negros hoje”. Foi se achegando e já ouviu.

- Olha o feijão! Tem feijão verde, feijão de corda madame! Tem também o feijão mulatinho, do jeitinho que quiser, tem também o feijão fradinho, o melhor que tem por aqui. Se quiser tem feijão branco, mas a pedida do dia está o feijão verdinho, saído diretamente da roça para ir pra sua cozinha.

- Dizia o vendedor animado para chamar a atenção dos transeuntes para a qualidade de seu feijão.

- Tem tudo para a feijoada comadre! Tem o que você quiser! Venha aqui já comprar, porque não demora e vai acabar! - gritava o rapaz tentando fazer rima para agradar. - Aqui a patroa pode olhar o quanto quiser, se pagar leva e se pagar pode ficar olhando, mas não pode levar e ainda vai perder o melhor feijão que há, que cozinha que nem ovo, bom de cozinhar que só!

Olhou para o feijão, pegou até nos que se podia pegar, e viu chegar uma amiga, que se aproximou:

- Oi amiga, como vai tu mulher? - Disse a outra para a Esmeralda. - Tá sumida que eu não tinha mais te visto?

- É que Ismael tem trabalhado muito mulher, e não tem mais tempo pra nada, nem pra gente sair. Tu acredita? - A outra concordou com a cabeça, fazendo caretas, sabendo que o problema dela era bem outro, porque o marido já estava era amarradinho com outra, e só vivia com ela, por causa das duas crianças.

- Mulher, tu acha que eu devo levar qual feijão? - perguntou a Esmeralda em dúvida para a outra. - Eu tô querendo fazer uma comidinha gostosa para o Ismael mulher, ele chega tão cansado do trabalho todo dia em casa, mas não deixa faltar nada. Tenho que agradar né?

- É verdade mulher, tem mesmo que agradar os maridos! - Disse a outra concordando com a cabeça. — mas pergunta aí pro vendedor qual é o melhor para fazer um agrado pro teu marido mulher. Tu sabe que homem é que entende o que os homens quer né mulher?

E foi-se a pedir informação para o vendedor. E vendedor de feira, não tem produto ruim, sempre vai ter o melhor, mesmo que o melhor dele não seja

nada melhor para o cliente, mas isso é o que menos importa, o mais importante é bater a barraca vazia no final da feira e ir embora com o dinheiro, é o que pensam alguns, não os melhores.

- Ô seu moço, o senhor poderia me ajudar. - Disse ela para o vendedor.

- Ôpa! Diga aí minha princesa em que lhe posso ajudar, se é pra cozido eu tenho certeza que até seu caldo é bom! - Disse o rapaz tentando ser engraçado para agradar a freguesa e ainda arrastar uma asinha pro lado dela, o que não pegou, porque a mulher não entendeu nada, a não ser que o rapaz poderia ajudá-la.

- É que eu quero fazer um cozidinho especial para meu marido sabe?

- O outro concordava com a cabeça enquanto ela falava. - Mas não sei que feijão escolher. Qual que você acha que ele vai achar melhor?

O rapaz não teve medo de dizer, dada a estultícia perceptível da mulher, de que seria muito fácil lhe passar gato por lebre, ou pato por febre.

- Olha aqui senhora, se é pra agradar o marido, é bom levar o verdinho! Ele está que é uma beleza e veio da roça pra cá. Esse aqui, cozinha rapidinho! É igual ovo, de tão bom!

A mulher apenas catou o pacote, do feijão, que nada mais, nada menos, era o mais caro da banca, pagou e saiu pela feira a ver os demais itens de sua ainda extensa lista.

Quando passava mais adiante para comprar as verduras fresquinhas, o mais gostoso cheiro verde da região, onde era acostumada a comprar, a banca de Dona Maria e do Senhor João, um casal de pretos velhos, que Esmeralda nunca teve coragem de lançar a mínima palavra, porque acreditava que eram filhos de ex-escravos e, portanto muito valentes para com gente branca, se agredidos.

Não era assim na realidade, mas na cabecinha de Esmeralda era assim que funcionava, porque passou a infância inteira ouvindo insultos contra os negros, vindos dos pais, dos avós e até dos bisavós, com quem pode conviver na tenra infância. Estes últimos haviam sido ricos fazendeiros donos de escravos, mas com a alforria daqueles, acabaram perdendo tudo, porque nunca tiveram coragem de pôr a mão na terra e trabalhar, portanto culpavam a libertação da escravatura por seus fracassos pessoais.

- Ô dona Maria me dê aquele cheiro verde bom que a senhora tem!

- É pra já. - Respondeu a idosa, enquanto se dirigia a caixa onde dispunha os molhos de cebolinha e coentro para a venda.

- Ô dona Maria, me diga uma coisa. - Disse tentando ser agradável, mas com o desejo de humilhar a velhinha. - Como é que eu faço pra temperar feijão verde? Comprei, mas eu nunca fiz. A senhora tem alguma dica?

A velha apenas fez uma cara de espanto pela novidade de feijão verde nesta época do ano.

- Mas não é época de feijão verde não dona Esmeralda. A senhora conseguiu onde?

- Comprei numa banca bem ali assim.

- Pois me deixe ver, só um instante, que se tiver mesmo até eu vou comprar pra mim. - Disse estendendo a mão. A outra demorou a entregar-lhe o feijão, desconfiando dos interesses da preta.

- É feijão verde mesmo, e do bom, dona Maria. - Disse lhe entregando o pacotinho, como para lhe provar que estava certa. - Veja aí, se não é bom, o vendedor me disse que era muito bom cozinhador.

- Olhe dona Esmeralda, a senhora me desculpe, mas esse vendedor enrolou a senhora, porque esse feijão aqui não é feijão verde bom não. - Disse a velha, enquanto tentava amassar um dos grãos do feijão, sem lograr sucesso, contudo. — Ele está muito duro, a senhora está vendo aqui?

- Lá é de ser Dona Maria, o moço lá entende de feijão. - Pegou o seu pacotinho de feijão, a sacola com o cheiro verde e contrariada rumou para casa, para fazer o cozido especial para seu marido.

Antes de pôr o feijão para cozinhar, ela lava um pouco e derrama a água verde, resultante da lavagem na pia, acreditando que o feijão estava um pouco sujo. Uma hora e meia depois, cozinhando na panela de pressão, o feijão ainda não estava mole, mas parecia ter ficado mais duro que o que era antes.

Já iam dar umas dezessete horas e em pouco tempo lhe chegaria o marido. Correu a feira para perguntar o vendedor porque o feijão estava era parecendo mais duro e largando uma nata verde por cima da panela.

- Ô moço, você disse que o feijão cozinhava rápido, mas até agora o feijão ainda está no fogo e não deu resultado nenhum, só que está mais duro e o caldo está todo verde. - Disse indignada ao vendedor.

- Ora minha senhora e eu não lhe disse que cozinhava que nem ovo.

Não entendesse não foi bichinha?

- Entendi não seu moço! Não era que ele era bom de cozinhar não?

- Perguntou indignada?

- E já visse como é que ovo cozinha? - Perguntou o homem.

- Quanto mais tempo ele passa no fogo, mas duro ele fica. - Respondeu a mulher, entendendo finalmente a razão.

Entendeu, por fim, que não é a cor que interessa, nem do feijão, nem da pele, mas o caráter, se é maleável e se é bom, ou se simplesmente não serve a não ser para jogar fora.

---

# 99 Badaladas

A cidade de Santa Rosa teve seu surgimento e crescimento em torno de dois marcos, que eram considerados fundamentais e dos quais, de certo modo, dependiam a grande maioria das pessoas que ali residiam: O rio, que além de trazer a água para a sobrevivência da comunidade era o grande responsável pelo fluxo comercial com as cidades mais próximas, bem como essencial à produção de víveres.

O outro elemento central era a igreja, um suntuoso templo, construído em meados do longínquo século XVIII. O lugar era o centro de vivência da fé da gente, mas habitado não somente pelas beatas carolas, mas muito mais por animais não muito desejáveis, tais como ratos, pombos e morcegos, e de quebra, algumas corujas que habitavam o campanário.

Não raramente, estes animais atrapalhavam a missa do cônego Pierre, conhecido nas paragens, simplesmente como padre Pié, sacerdote francês emigrado para aquelas terras em missão, que vociferava contra os fiéis, pelo burburinho que se formava tão logo surgia um dos animais a fazer seu passeio rotineiro pela nave do templo.

A mulherada, simplesmente não se continha em seus véus, quando em pleno sermão, ou na apresentação das ofertas surgia um pequeno roedor, correndo entre as pernas e saias, espalhados pela igreja. Era um grita-grita para cá e um sobe nos bancos que tirava totalmente a concentração de quem desejasse dirigir suas preces a Deus e mais ainda, a do reverendo.

Os pombos vez por outra, causavam um ou outro constrangimento

aos que acorriam aos santos para fazer as suas preces, ora se lançando em bando sobre algum desavisado que trazia comida para a casa de oração, ou quando simplesmente alçaram voo na nave central do templo, lançando suas fezes sobre as cabeças e véus dos que ali rezavam.

As corujas eram as que menos incomodavam ao Cura, mas para os fiéis representavam um verdadeiro terror, uma vez que seu canto era conhecido por ser um dos mais sérios sinais de mal agouro. Ouvir o canto da coruja ou, se por um acaso do destino, uma delas ousasse fazer um ninho no telhado ou no sótão de casa era considerado nada mais, nada menos, que um sinal de que uma morte trágica se avizinhava para algum dos moradores da residência.

Tirados esses e outros desconfortos do templo, que vez por outra faziam ecoar palavrões das bocas mais santas de alguns devotos, não muito dignos de repetição em um lugar sagrado, o lugar não perdia de modo algum seu ar mágico, e porque não dizer celestial.

Ao se adentrar ao templo de aparência bem medieval, em meio às sombras que mergulhava, se destacavam o altar, ou presbitério, o lugar central da celebração do sacrifício eucarístico, e o púlpito, lugar de onde o cura proferia seus belos e longos sermões, nem sempre compreendidos por todos, embora sempre aplaudidos de pé.

Estes espaços recebiam uma luz ímpar, que era projetada de algum modo do teto da edificação, produzindo em quem assistia as celebrações, a sensação de que era mesmo a luz divina que se manifestava ali para inspirar o sacerdote, dando significado ainda mais sacro ao espaço.

Quem, ante essa visão, ousaria duvidar do poder milagroso do lugar? Não se contavam os milagres que se testemunhava nas ruas, de terem ocorrido no local. A ponto de não muito raramente se ouvir nas conversas de comadres:

- Tu sabes comadre o que passou na matriz hoje? - Dizia uma das comadres a outra para assuntar.

- Não sei não. O que passou comadre?

- Mesmo na hora da oração, quando o padre levantava a hóstia e o sino badalava a comadre Ana, tu sabes? - E aguardava a outra fazer sinal com a cabeça concordando. — Ela tinha um reumatismo de anos, que a impedia de

se ajoelhar. Sentiu vontade doida na hora, se ajoelhou e estava curada! — Dizia com certo espanto na voz para causar uma impressão mais miraculosa ainda ao fato. — Não sentia mais nadinha!

O certo é que tudo na igreja era tido como um sinal do sagrado, até mesmo os animais, como aqueles da antiga arca, que salvou a humanidade do total extermínio. Outro grande símbolo de fé eram as badaladas do sino, especialmente, para o Mestre André, o mestre sineiro da cidade, cujo avô fora sineiro, assim como o pai e ele agora, e brevemente um de seus filhos lhe herdaria o ofício de tocar o sino da matriz para chamar a gente do lugar à oração.

Nada acontecia na pequena cidade que não fosse informado à gente do lugar, pelas badaladas do sino, o que desagradava um tanto quanto, apenas aos que mais próximos da igreja viviam, uma vez que recebiam em maior quantidade e intensidade os decibéis do instrumento. Em vão, e durante muito tempo, tentavam persuadi-lo de reduzir a quantidade das batidas, mas recebiam unicamente como resposta:

- Não vou desagradar a Deus para poder agradar a um bando de comedores de feijão. - Era tudo, e ia-se embora resmungando com seus botões. Até mesmo o padre tentara persuadi-lo, mas nada conseguiu. Parecia até que se divertia com os reclames dos vizinhos, se não com isso, pelo menos com a revoada que faziam os pássaros que utilizavam o campanário como casa, que com as batidas do sino desembestavam a voar em círculos, não raramente até batendo contra as altas paredes do edifício religioso. Até aos filhos do homem se intercedeu para que não forçasse tanto os sinais sonoros da igreja. Os próprios sinos pareciam reclamar, uma vez que a cada dez anos era necessário trocar por novos, que eram feitos por ninguém mais, nem menos que o Mestre André.

Pensaria se, pois, que sua motivação era o lucro, mas seria estranho pensar assim, uma vez, que historicamente seus antepassados foram os doadores dos sinos e ele mesmo, mantinha a tradição fielmente. “O que então faz com que insista?” se perguntava o vigário.

O velho, contudo, com o tempo, cada vez mais velho já parecia cansar-se de tocar o sino e dos reclames do clérigo e dos vizinhos. Era hora de

aposentar. Os vizinhos e o próprio padre apontaram-lhe um substituto, imediatamente negado pelo velho, que afirmou transmitir o cargo a um neto, tal qual faziam os reis para manter a dinastia, transmitem seus tronos. Era a hora de interceder ao rapaz indicado pelo velho, para que não castigasse os sinos e os ouvidos, tal como o fazia. Feito este, que o jovem estava ligeiramente inclinado, para agradar a todos e ser reconhecido e respeitado como o avô, até a ordem do mestre:

- Não se pode bater menos de 99 toques no sino. - Dizia o velho transmitindo o seu saber.

- Mas de onde o senhor tirou isso? - Lhe perguntava o neto, aos gritos para se fazer ouvir pelo avô.

- Meu pai me ensinou e foi ensinado pelo pai dele quando ainda era menino. Se não se faz com persistência, não nos escuta o Senhor. - Dizia o velho, enquanto o garoto se esforçava para gargalhar lhe diante das fuças.

- Mas quem ficou sem escutar foi o senhor meu avô! De tanto tocar estes sinos!

- Eu não sei cantar o hino? - Perguntava o velho, confirmando se era o que tinha entendido.

- Não é isso! O senhor que ficou mouco! - Continuava a gritar o garoto.

- Tá dizendo que eu estou ficando louco? - Disse já tomando a correia que estava amarrada ao sino para dar uma coça no neto. - Louco estou ficando se não lhe ensinar a respeitar os mais velhos.

Não demorou uma semana do garoto no posto e as batidas do sino mudaram. Ficaram mais baixas, mais suaves, porém com o mesmo ritmo anterior. O velho até se admirou da perícia do garoto e foi conferir o trabalho. Empalideceu de tal modo ao ver o que passara que perdeu a cor. Os sinos ainda estavam lá, mas uma aparelhagem que estava embaixo facilitava totalmente o trabalho do rapaz.

- O que está acontecendo aqui? - Disse o velho aos gritos e já dando indicativos que sofria de algum mal.

- São os sinos! - Disse o rapaz. - São sinos eletrônicos, bastando programar a hora, as batidas e até o volume.

- Não pode ser! - Gritou o velho enquanto caía ao solo, onde transitavam os roedores.

O mestre ainda tentou segurar-se a uma cadeira disposta na sala dos sinos, mas com seu peso, esta foi ao chão, sobre ele. Resistiu um pouco, tempo em que o neto tentou desesperadamente fazer algo pelo avô. Enquanto respirava ofegante, e cada vez mais lento, e mais lento, se ouvia as batidas de seu coração, ao ritmo do sino se distanciar aos poucos, até a última. Se contadas, exatas 99. Em questão de segundos veio o último suspiro, e o rapaz gritou, chorou, desesperou-se e tocou os sinos, como nunca fizera antes, com mais gosto que o avô. Se não fosse o desespero, seria a mais bela homenagem.

E uma vez mais ainda soaram os sinos, antes de aposentarem-se. Para anunciar a missa de corpo presente e o sepulcro do velho junto à base da torre dos sinos. Foram as 99 badaladas finais dos catedráticos sinos, entrecortadas de choro, silêncio e dor; espaçadas como cabia, ao ritmo do coração, dolorosas como as chagas do Cristo. Foram-se os sinos, foi-se o mestre com as últimas 99.

---

# Não chore assim

“No, no woman no cry...” era o que se ouvia repetir a quase meia hora, do som que tomava conta daquele velho e esfumaçado pube da Calle Florida, na capital Portenha.

Ele estava em seu duplo exílio, na mesa mais escondida do bar, a esperar por horas e horas a fio a alguém que lhe prometera facilitar-lhe a emissão de seus documentos para tornar o exílio forçado um pouco menos doloroso e desconfortável.

O som da música, se misturava ao barulho da dança da rapaziada animada. A fumaça dos charutos e cigarretes tomava conta do espaço, junto a tantos outros fumos que subiam aos ares como nos sacrifícios religiosos aos deuses gregos. O local se tornara uma espessa penumbra.

Os cheiros eram variados, bebidas, fumaça de fumo, perfumes, suor, tudo se misturava em um verdadeiro e grande carnaval de odores. Ao fundo, a música seguia no mesmo ritmo, voz e violão “no, no woman no cry”. De repente, o pensamento o fez retornar ao seu país de origem, o Brasil. “Como poderia ter amado tanto a sua pátria e mesmo assim, ser procurado, caçado como um animal selvagem que oferece perigo, com a cabeça a prêmio, sentia-se como um daqueles animais, cuja cabeça, empalhada servem para enfeitar as salas dos caçadores.

Lembrou-se da mãe. Viúva, mãe de um único filho, ficara sozinha, mas talvez fosse melhor para ela e para ele também. Não lhe contara seus planos de deixar a cidade ou o país em que nascera, e para onde a família tinha

vindo a três gerações, fugindo de perseguições na Europa, a mãe nunca poderia aceitar. Era a primeira vez na vida, que não dissera nada a mãe, para onde estava indo ou o que ia fazer. Não se sentiu bem em fazê-lo, mas precisava. Precisava protegê-la, e nada mais protetor que a ignorância.

“*Say I remember when we used to sit... observing the hypocrites...*” A música seguia e a este som, passava-se um verdadeiro filme em sua cabeça, sua história passava diante de seus olhos. “Como poderiam haver tantas pessoas hipócritas em seu país? Como poderiam tê-lo entregue a polícia da ditadura socialista, só não mais fechada que a norte-coreana? E pouco menos cruel que as antigas SS’s do Nacional Socialismo implantado por Hitler na Alemanha de outrora?”

Não se podia confiar em ninguém, tivera que aprender isso forçadamente pela própria razão das circunstâncias em que se encontrara. O inimigo podia estar em qualquer lugar, “o inimigo, o inferno está nos outros”, pensava ele.

Outra música se seguiu, mas aquela não lhe saía da cabeça, insistia em tocar, como se quisesse dizer-lhe algo, algum aviso, uma mensagem subliminar. “O que esperar agora, em outro país, outra vida, outras histórias virão.” ... “good friends we’ve lost.” Perdera muitos amigos, nessa guerra. Foram-se muitos que pensavam e como ele lutavam para mudar a situação.

Morreram muitos na perseguição de um sonho que às vezes parecia-se impossível. Infelizmente o regime, embora não autodeclarado como uma ditadura e não aceitando tal alcunha, assim se posicionava, embora na propaganda fizesse o mesmo que Hitler o fizera na Alemanha, ou Stalin na Rússia. Tudo, mais tudo deveria ser feito para melhorar a qualidade de vida das pessoas, mesmo que isso significasse a morte e destruição da vida e da história de muitas pessoas e famílias, pelo simples fato de serem quem são, terem sua própria identidade, ou por discordarem daquilo que era pregado na propaganda dos canais governamentais, sempre se opondo e criticando, apontando os possíveis erros e crimes daqueles com quem não concordavam.

Sentira o cerceamento da sua liberdade de expressão. Sua profissão? Professor de Filosofia e Literatura, escritor nas horas vagas, dedicava-se a fazer crônicas e comentários de política e educação em um pequeno jornal que circulava em algumas poucas cidades do interior de seu estado de origem.

Fora caçado primeiro, mal questionava as posturas autoritárias do governo, mas de repente se encontrou já cerceado, e começou a publicar tudo que descobria, e de censurado, passou rapidamente a procurado, a criminoso nacional.

Nem tivera tempo de sentir o que ocorrera. E depois de horas chega o outro:

- Dale Camargo, que passa hombre? - Falou-lhe alguém, de quem não podia reconhecer mais que a voz.

Só balançou a cabeça negativamente. Enquanto um arrepio lhe percorreu a espinha. Não gostava de ouvir o próprio nome, ainda que não fosse o seu verdadeiro nome, mas apenas o que utilizava para as publicações no jornal. O seu olhar percorreu toda a área do salão que podia alcançar com os próprios olhos, mesmo em meio a penumbra, que já era um dificultador natural. Sinalizou para que o outro sentasse.

- Não precisa ter medo cara! Não estamos no Brasil lembra? - Disse o outro pedindo calma.

Chamou o garçom e fez um pedido qualquer, já que estava ali a tanto tempo sem nada consumir, e os camaradas argentinos pareciam não gostar muito dos clientes que não consomem nada, a se tirar pelos olhares tortos que lhe dirigiram por horas, enquanto apenas estava sentado. Causando inclusive a inibição de alguns clientes mais afoitos que aproveitavam o ambiente para fumar maconha, coisa que já era liberada no país, o oposto de alguns a cheirar cocaína.

A música de Bob Marley ainda ressoava em sua cabeça. “*You can't forget your past, so dry your tears...*” Não podia esquecer o passado. Ainda que a vida lhe parecesse dar mais uma chance de começar tudo de novo, sabia que ainda teria muito o que vir pela frente. Os avós foram refugiados, os pais foram refugiados em seu próprio país de nascimento, e agora ele, que se sentia obrigado a partir. Sabia que as suas ideias pesavam, mas sabia muito bem que a sua origem era considerado por muitos como uma ameaça “às supostas minorias” de seu país, da mesma forma que, por várias vezes, ocorreu na Europa, na Espanha e Portugal e mais recentemente, na Alemanha, Áustria, Polônia, dentre tantos outros que foram perseguidos. Enquanto passava isso

em sua cabeça o outro podia vislumbrar uma indiscreta lágrima correr-lhe o rosto.

- Enxuga as lágrimas, agora és hora de seguir. - Foi como se recebesse um choque, com as palavras do outro. Nem lhe sabia o nome, apenas o conhecia por “C”, letra para contato, e que curiosamente descava-se da jaqueta que estava usando. “Como podia ser, mais uma vez a música voltando a sua mente, ele não podia saber.”

- E pra onde vou seguir? - Falou ainda permitindo que as lágrimas lhe corresse pelo rosto. - Perdi meu chão, tudo o que eu tinha estava no Brasil, e agora estou aqui, nem sei onde. Mal sei como vim parar aqui.

- Relaxa Hermano, logo te acostumarás. Isso sempre passa com os garotos como você, que vem do Brasil. Passou até com mi esposa, ela és brasileira, por isso hablo essa confusión de las lenguas. - Aproximou-se e abraçou-o, dando-lhe um beijo no rosto, o que para ele causou muito estranhamento.

- Você vai me ajudar? O que vai fazer? Pra onde vou? Vou precisar ficar fugindo o tempo todo como no Brasil? - Disse, enchendo-o de perguntas.

- Calma chico, calma! - Disse com voz tranquila e sotaque carregado para o garoto. - Vamos primeiro comer alguma coisa, beber e depois conversamos.

- Moço! Moço! - Disse gritando para o garçom que passava perto, na tentativa de se fazer ouvir em meio aos barulhos de música, danças e conversas. O que teve êxito, uma vez que rapidamente o serviçal se aproximou.

- Diga señor! Que deseas?

- Traeme una porción de papas e un pescado y para beber... - Disse olhando primeiro o garçom e depois ao garoto a sua frente, Como não obtivesse resposta, continuou. - dos Fernet's.

O garoto sem entender nada, apenas olhava o outro bem mais velho e que parecia saber de tudo. Era a primeira vez que saia do país e não tinha qualquer experiência com línguas estrangeiras, embora fosse um militante da comunicação e do jornalismo amador desde a adolescência. O outro se virando para ele, olhou-o nos olhos. Nunca um olhar lhe parecera tão

incômodo, profundo, parecia mergulhar lhe na alma. Ao mesmo tempo o olhar parecia abraçá-lo, e era bem essa a intenção do outro. Mostrar ao garoto que podia confiar, que não seria ele a entregá-lo. Ele era só mais um, como ele, que buscava a justiça.

- Bien! Camargo me passaram a tus dados de Brasil, para que pudiera lhe prover refúgio e documentos em este tempo que vais a passar conosco em Buenos Aires. Em dois dias, terás teu turno em imigrações. Como tenho amigos lá, he conseguido que não lhe solicitem Certidão Negativa de seu país, portanto precisamos levar apenas a certidão negativa de Argentina, e como nunca tinhas vindo aqui antes, nem sois fichado na polícia daqui, imagino que não terás problemas.

- Mas eu vou precisar ir à polícia? - Disse o rapaz já se tremendo e temendo por sua vida. - Não posso ir à polícia, vão me prender, vão me torturar e eu já não posso suportar mais.

- Calma hombre! No te desespera. - Disse o outro lhe pousando a mão sobre o ombro. - Tudo vai dar certo! É só seguir minhas orientações e me deixar responder a tudo o que os agentes perguntarem.

- Certo!

Mais uma vez o desespero tomava conta do garoto. E dessa vez não era como quando abandonara as pressas o país vizinho. Era maior, pois sequer podia falar aos agentes. Seu péssimo espanhol seria rapidamente percebido. O coração disparava e por mais que o outro lhe pedisse calma, não podia controlar os tremores de seus membros, que se faziam perceber aos olhos dos passantes.

- Vamos embora! - Disse-lhe o outro.

Levantaram-se e caminharam rumo a saída do bar que dava para a Rua Florida, em uma das áreas mais turísticas da cidade. Viram em sua direção um grupo de policiais se aproximando, em sua ronda de rotina pela cidade. Nessa hora se podia ouvir distante as batidas de um coração, mais alto que as batidas na caixa da bateria, no clube de a pouco. O outro apenas pediu-lhe calma, para que andasse devagar. Cumprimentou os policiais federais.

Para o jovem era sinal de perigo. Seu coração explodia, seus membros pulsavam com o coração e o tremor se podia facilmente perceber. “Os guardas sabiam de tudo e estavam ali para prendê-lo, só podia ser. Eram mandados

pelo governo fascista.”

- Podem me prender, não tenho documentos do país, estou fugindo do Brasil por ameaças de morte vindas do maldito governo! - Gritou o garoto, enquanto se ajoelhava e seu choro tomava conta da rua.

---

# O roubo

Era nada mais que um menino, cheio de sonhos e de esperanças na cabeça, mas pouca, pouquíssimas oportunidades e possibilidades de vê-los realizados. Acabara de completar 18 anos de idade, sua tão esperada maioridade, mas a esta altura da vida não havia concluído qualquer etapa da vida escolar.

Gastava a maior parte de seu tempo em perambular pelas ruas da cidade, com os amigos ou sozinho. Qualquer coisa era mais interessante que voltar para casa, ver os pais, a brigar por qualquer motivo, os irmãos mais novos, sujos, chorando, o catarro escorrendo pelas faces, do nariz, em direção à boca e ao queixo; as paredes da casa tortas, carcomidas, cheias de buracos, como se tivessem mergulhado em um tiroteio; as telhas, mais vazadas que o gol do Palmeiras, e que tornavam toda a casa iluminada nos dias de sol e, alagada nos dias de chuva.

Neste dia, em especial fora à escola, mas como a aula parecesse pouco inteligível, e porque não dizer nada atrativa, resolveu sair. Disse ao professor que estava com dor de barriga e precisava ir ao banheiro, mas com o caderno embaixo do braço.

- Ué! Mas porque está levando o caderno? - Questionou-o o professor.

- Oxe professor! Tá ligado que no banheiro não tem papel? - Disse e já foi virando e saindo da sala, com a cara mais deslavada do mundo.

Ganhou o pátio e como estivessem os portões da escola mal

protegidos saiu por ali mesmo, e ganhou a rua. Seu habitual era ganhar a rua pelo muro atrás da quadra da escola, motivo que já o levava a reprovação por faltas por várias vezes, além das muitas advertências que recebera do diretor, incluindo convocação aos pais, que jamais sentiram a necessidade de comparecer.

Uma vez na rua, fez o que melhor sabia fazer na rua, bater perna. E como fez bem. Quando deu por si já era quase noite e estava descendo a ladeira rumo ao centro da cidade. Como chegar? Não fazia qualquer ideia, mas ali estava, e se estava, era por algum motivo, afinal nada acontece por acaso.

Como fosse próximo de lojas de roupas e de uma igreja, no horário só se viam passar algumas senhoras em seus véus, certamente iriam para o templo, ou carregadas de sacolas, essas deveriam ter como ponto de partida as lojas de roupa; certamente algumas estavam levando os pais, namorados, esposos ou ex. à falência. “São assim mesmo as mulheres”, ao menos ouvira a vida inteira do pai, dos tios, dos avós, enfim, de todos os homens mais velhos que conheceu.

Olhando aquelas figuras carregadas de objetos tão cobiçados pela maioria das pessoas, não só os objetos, mas o simples status de poder carregar sacolas. “Na verdade nem importa o quanto custam ou o conteúdo das sacolas, só importam que sejam bonitas”, pensava.

Do nada uma ideia começou a consumir-lhe a mente. Tinha a carência de muita coisa, e por que não dizer de tudo?. Era isso mesmo que o fazia passar mais tempo na rua que sob um teto. “por que não tomar um pouco daquilo que aquelas pessoas carregavam?” Perguntava-se em seus pensamentos, enquanto um calafrio o possuía, sentia uma estranha energia percorrer lhe, cada recôndita parte do corpo. Sua mente procurava motivo para fazer o que se tinha proposto em seus pensamentos, enquanto outra parte de si parecia não querer, “se me pegam dando um vacilo desse, eu tô ferrado”.

- Por que não lhes tirar algo que, certamente, possuem de sobra se lá em casa tem tão pouco? - Dizia em seus pensamentos, mas agora foram tão altos que se podia escutar com certo esforço dos ouvidos afinados de algum transeunte.

A ideia, contudo persistiu, não só na sua cabeça, mas se pode dizer que no corpo todo, uma vez que as mãos lhe suavam frio, muito mais que no

dia em que dera o primeiro beijo, um par de anos atrás. “Por que roubar? Por que não roubar?” Uma verdadeira guerra de valores e de possibilidades tomava conta de sua alma. Lúcifer e Miguel guerreavam em seu ser, diante de seus desejos pessoais, que tentavam responder a suas necessidades materiais.

Desligou-se por um segundo do mundo. Se lhe perguntassem o que tinha acontecido nesse lapso de tempo jamais poderia dizer. Sentiu como se tivesse saído do mundo e entrado em uma outra dimensão do tempo e do espaço. Foram segundos, mas segundos que mudariam sua vida daí por diante.

Quando recobrou a consciência. Estava a duas quadras adiante do local em que recordava estar, corria como um desesperado. Tudo o que sabia é que não recordava de nada, “por que estaria correndo, meu Deus?”

Deu-se conta de um pequeno detalhe. Carregava na mão algo mais que o caderno que já trazia desde a escola. Havia algo mais, e daí deveria resultar o motivo da correria em que se encontrava. “Enfim, teria vencido o desejo malvado de possuir o que não me pertencia? Como pude ter coragem de roubar a alguém?”

Diminuiu o passo. Olhou para trás uma vez e outra vez assim durante muito tempo, para ver se alguém o seguia, se gritava para pegá-lo. Uma sensação de temor, ou tremor, voltou a possuí-lo. O suor que já lhe corria pelas costas pela pequena carreira de há pouco e pelo próprio calor natural da cidade, tomou conta do corpo todo. Não era um suor quente, mas frio, gelado. Suas mãos tremiam e por pouco não soltava tudo o que carregava nas mãos. “Estou perdido! Por mais que o sofrimento seja grande em casa, isso trará vergonha a meus pais. Se descubrem estou ferrado!”

Um par de quadras depois, onde não lhe poderiam alcançar ou reconhecer, sentou-se na calçada. Na mão o que carregava era uma sacola, cujo conteúdo a perda de memória de a pouco não lhe permitia recordar. Estava agora em uma ampla praça, mui conhecida pela malandragem que estava pelo lugar. Mas sentou-se, por estar cansado e porque precisava conhecer o conteúdo da sacola que carregava.

Ao abrir, deparou-se com alguns pacotes. Abriu-os e verificou que continham uns pães, uma barra de chocolate e uma camiseta com os dizeres “Exército da Salvação” na frente, e nas costas “Fazendo o Paraíso na Terra”. “Não sei de quem se trata, esse tal exército da salvação, mas se roubei, vacilei

porque roubei uma porcaria. Vou envergonhar meus pais por nada.” Havia ainda um panfleto com um texto bíblico: “Tem ânimo pois e sê corajoso, para cuidadosamente observares toda a Lei. Não te afastes dela, nem para a esquerda, nem para a direita, para que sejas feliz em todas as tuas promessas (Josué, 1:7)”.

Por algum motivo ao ler o texto, sentiu um forte aperto no coração, como se lhe pesasse o seu ato sobre as costas, mais que uma tonelada. “Que tipo de pessoa posso ser eu, para roubar de alguém que queria ensinar coisas de Deus?”

Enquanto a dor lhe consumia e as palavras que acabara de ler no panfleto se lhe corroía a alma, algo como que uma nuvem se dissipou em sua mente e pode recordar finalmente com clareza o que acontecera alguns minutos atrás.

Enquanto lhe consumiam seus maus pensamentos sobre roubar ou não, apressava o passo para tentar alcançar a uma das pessoas que tranquilamente caminhava com suas sacolas com destino ao templo cristão. Coisa que não foi muito difícil de conseguir, dada a sua reduzida idade em comparação ao da outra pessoa. Ao acompanhá-la era tal o seu estado de nervosismo, que não podia controlar o tremor pelo corpo, ante a possibilidade de surrupiar-lhe os bens.

- O que você tem meu jovem? - Disse-lhe a senhora preocupada com o rapaz se tremendo todo no meio da rua.- Você precisa de ajuda, venha aqui, entre no templo comigo.

Sem qualquer controle sobre o próprio corpo apenas seguira a mulher, que o levou e o fez sentar em um dos bancos do templo. Ofereceu-lhe água e alimento, dos quais o rapaz apenas aceitou o primeiro. Quando os temores passaram a senhora, que devia contar não menos que 60 anos de idade, entregou-lhe um sacola.

- Vá e leve para quando tiver com fome rapaz! - Disse a mulher enquanto entregava a sacola e o abraçava.

Mal agradeceu, apenas gesticulando com a cabeça e saiu pela porta da frente. Um dos seguranças o encarou e sinalizou que soltaria o cão que segurava. O cachorro latiu desesperadamente ao vê-lo. Correu, como poucas vezes correria na vida, não desejava nem um pouco virar comida de cachorro.

---

# O Homem invisível

Acordei naquele dia me sentindo especial. A luz que entrava pela janela, através da cortina parecia muito diferente. Não sei explicar, mas podia sentir que a luz podia me tocar e atravessar a minha pele de uma maneira completamente nova.

Fui à janela e pude vislumbrar a minha vista privilegiada da avenida Corrientes com Nove de Julho. Àquela hora da manhã estava particularmente movimentada. Me apressei para lavar o rosto e me vestir. Queria degustar um café com medialunas na loja MediaCafé, que é o café mais badalado da região, onde se encontra com os amigos, não apenas para tomar café, mas também para discutir literatura, artes e filosofia.

Saio do apartamento e no velho elevador, que deve remontar ao início do século XX encontro com o vizinho, meu parceiro de todos os dias.

- Bom dia! - Falo enquanto olho um folheto que alguém abandonou no elevador. Não escuto qualquer resposta, sendo que o mais curioso é que este o vizinho mais falastrão.

Já na pequena portaria à minha chegada, o porteiro me recebe animado e com seu sorriso largo. Coisa mais difícil de entender, já que há dias em que está sisudo e em outros dias tão animado que nem parece a mesma pessoa.

- Dom Ramón como estás? Hoje o dia está lindo não é?
- O sol hoje está especial, em meio a tantos dias frios.

Saí quase correndo à rua, queria aproveitar os poucos minutos de calor e aproveitar para ir tomar café e quem sabe encontrar bons amigos, já que estava de férias.

Entro à cafeteria e me sento na mesa de costume e, logo em seguida, entra uma ex-namorada que me perseguiu por anos e meu maior desejo naquele momento era ser capaz de me tornar invisível e não ser visto por ela, evitando assim voltar em todo aquele ciclo de perseguição e fuga à que me submetia.

Ela passou pela minha mesa olhando para os lados como se não estivesse lá. “Que sorte a minha”, pensei.

Conversa qualquer coisa com um atendente no balcão e vai embora. Logo depois entram alguns jovens.

- Dale Hernandez - fala o rapaz ao garçom, já tratado como amigo  
- por que está tão calmo por aqui hoje?

- Não sei, na última hora só entrou uma senhora aqui, e agora vocês.

Tentei gesticular para chamar a atenção, mas todos seguiam me ignorando. Desapontado, saí sem tomar o café. Teria eu ficado realmente invisível?

Fiz uma nova tentativa. Entrei no mercado, peguei alguns produtos, para tomar meu café em casa mesmo. Tudo normal. Passei no caixa, paguei e tomei meu rumo para casa.

Fui pensando e conversando comigo mesmo: “Será que aprendi a ficar invisível? Será que é possível alguém aprender a ficar invisível? E se isso é possível, seria possível ensinar isso também?”

- Ora, ora, esse seria o negócio do século! Vou elaborar um curso para ensinar as pessoas a ficarem invisíveis quando quiserem. Quem não quer isso de vez em quando?

Subindo o velho elevador encontro com o vizinho de sempre e lhe pergunto:

- José, que pensas da possibilidade de ficar invisível de vez em quando?

- Seria talvez uma sorte. Esse é um bom tema para escrever uma crônica filosófica para o jornal essa semana.

- E se fosse possível alguém aprender a ficar invisível?

- Podia ser bom, mas ruim também. Imagina que inconvenientes a pessoa não poderia estar envolvida? Poderia entrar em espaços em que não foi convidada sem ser vista, por exemplo.

- De fato, não havia pensado por esse ângulo. Mas imagina, a gente que é conhecido também poderia se divertir em alguns lugares, sem ser vistos necessariamente, por exemplo pelos nossos alunos?

- Gostei da sua ideia.

No dia seguinte, eis que me deparo com a publicação do Jornal Folhetim com nada mais, nada menos, que a crônica do meu vizinho publicada, falando sobre invisibilidade.

Decidi-me, após relutar desde o dia anterior colocar em prática a publicação de meu curso online sobre como aprender a ficar invisível. Tracei os planos, acessei o ambiente e comecei os devidos cadastros. Feliz que estava com a repercussão da crônica do vizinho.

De repente, eis que se abre a porta do apartamento e entra uma meia dúzia de pessoas, uns bombeiros, um médico e dois de meus saudosos parentes.

Passam por mim ignorando totalmente a minha presença em meu pequeno escritório improvisado na sala. Seguem direto para o quarto. Sigo-os para averiguar o que estava havendo.

Me assombro com o que vejo. Estou lá, na cama, deitado, como se não houvera acordado pela manhã. Minha morte é decretada. Já estava em avançado estado de decomposição.

Luís Carlos Ribeiro Alves nasceu em Pentecoste no Ceará, em 21 de Junho de 1987. Filho de agricultor e professora. Na infância, encontrou na leitura um jeito de conhecer o mundo. Professor de Filosofia da Rede Pública cearense, é especialista em Ensino de Filosofia (FINOM) e Gestão Escolar Integrada a Práticas Pedagógicas (Universidade Cândido Mendes). Mestre em Educação (USAL – Argentina) e doutorando em Educação Baseada em Competências (CUMC – México). Esposo de Juliana e pai de João Manoel. Revesa seu tempo entre as preocupações com a aprendizagem, a família, a escrita acadêmica e a escrita de poemas e contos. Já publicou: Coisas da Vida: Poemas (Clube de Autores); Quando te Vejo e Outros Poemas de Amor (Clube de Autores); Consciência e Subjetividade em Jean-Paul Sartre (Novas Edições Acadêmicas) e El currículo Escolar en la Complejidad de la Gestión: Diseno y Aplicación. (Editorial Académica Española).







**GOVERNO DO**  
**ESTADO DO CEARÁ**  
*Secretaria da Educação*